

Perfil Industrial do Nordeste e seus Estados: 2002 a 2016

Liliane Cordeiro Barroso¹

1. Introdução

Em novembro de 2018, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou a pesquisa anual Sistema de Contas Regionais: Brasil 2016, a qual traz dados consolidados sobre a produção de todas as Unidades Federativas do País, com detalhamento por atividade econômica (Agropecuária, Indústria e Serviços). Tal pesquisa estima o Produto Interno Bruto (PIB) pelas óticas da produção e da renda. A ótica da produção, foco de interesse desse trabalho, se apoia no resultado do processo de produção, representado pelo Valor Bruto da Produção (VBP), menos o Consumo Intermediário (CI), de cujo saldo, Valor Adicionado Bruto (VAB), somado aos impostos, líquidos de subsídios, resulta o valor do PIB.

Assim, os dados referentes ao VAB (Valor Adicionado Bruto) permitem fazer comparações entre o valor da produção de todas as Unidades da Federação e dos grandes setores da economia e estão disponíveis apenas entre os anos de 2002 a 2016, conforme as publicações das Contas Regionais, do IBGE.

A partir dos resultados do VAB, este Informe se dedica à análise da produção industrial dos Estados do Nordeste, observando a participação das diversas seções industriais na composição da estrutura produtiva local, bem como a evolução destas seções no período, e consequente importância para a indústria regional. Nesta ótica, a indústria é dividida em quatro componentes principais: indústria extrativa, de transformação, Serviços Industriais de Utilidade Pública (SIUP), e construção.

Para tanto, o texto se divide em dez seções, além desta introdução. A primeira apresenta a evolução da produção industrial no Nordeste, entre 2002 e 2016, comparando com a trajetória nacional. Em seguida, procura identificar a evolução e a participação dos setores da indústria nos nove Estados nordestinos, no mesmo período, de tal forma que cada seção corresponde a um Estado diferente. Na sequência, são apresentadas as considerações finais.

¹ Economista, Coordenadora de Estudos e Pesquisas, Célula de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas, BNB/ETENE.

2. Perfil Industrial do Nordeste

É possível avaliar o crescimento da produção industrial a partir do Valor Adicionado Bruto (VAB), cujos dados estão disponibilizados para os anos de 2002 a 2016, nas Contas Regionais, do IBGE.

No ano de 2016, a indústria nordestina (extrativa, de transformação, Serviços Industriais de Utilidade Pública-SIUP e construção) adicionou à economia da Região, o montante de R\$ 154,5 bilhões, em termos de VAB. Este valor correspondeu a uma participação de 19,5% no PIB total da Região (incluindo o VAB da Agropecuária, Indústria e Serviços). Tal percentual representou, contudo, menor importância do que em 2002, quando a Indústria respondia por 23,0% do total. Esta perdeu espaço para o setor de Serviços que passou de 67,1%, em 2002, para 74,3%, em 2016. Enquanto isso, a Agropecuária também perdeu peso, de 10,0% para 6,2%, respectivamente.

Este movimento, de redução da participação da indústria na composição do PIB, também foi observado em nível nacional. No Brasil, o setor representava 26,4% do total produzido pela economia, em 2002, e passou para 21,2%, em 2016, redução de 5,1 p.p. (pontos percentuais). Cresceu em importância apenas o setor serviços (67,2% para 73,1%), já que a agropecuária saiu de 6,4% para 5,7%.

Deve-se observar, contudo, que nesse período, 2002 a 2016, o VAB industrial da Região cresceu, em média, 2,1% a.a. (ao ano), superando a taxa de crescimento média anual da indústria nacional (1,5% a.a.). Consequentemente, acumulou um crescimento maior ao longo da série (33,2% para a Região e 22,4% para o País). Estes dados podem ser observados na Tabela 1.

Tabela 1 - Valor Adicionado Bruto da Indústria (VAB) em 2016 e Variação no período 2002-2016 ⁽¹⁾

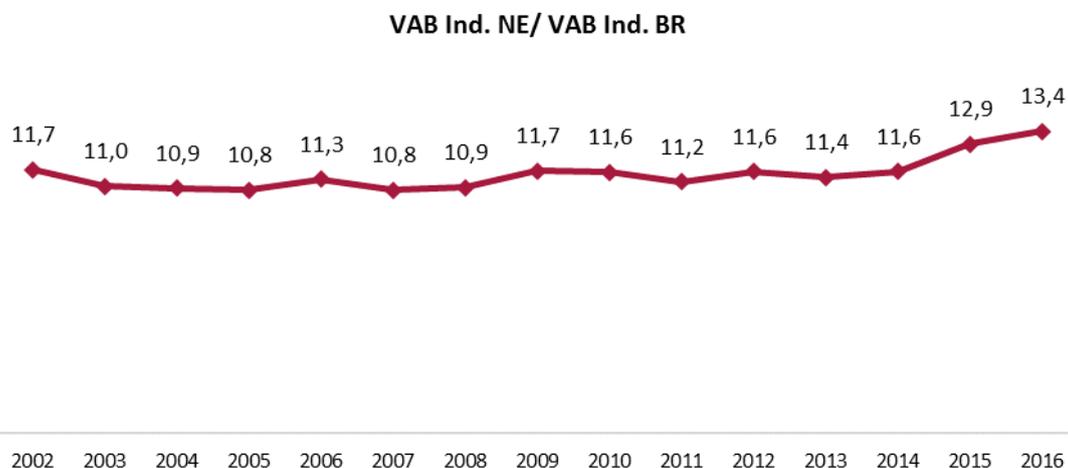
Nível Geográfico	VAB Industrial de 2016 (Milhões Reais)	Variação Real (%) 2002 - 2016	
		Acumulado	Média Anual
Brasil	1.150.207	22,4	1,5
Nordeste	154.503	33,2	2,1

Fonte: Elaboração ETENE/BNB, com dados do IBGE.

Nota: (1) Valores a preços de 2016, corrigidos pelo seu deflator implícito.

Diante do resultado de maior dinamismo, verificou-se um ganho de participação da indústria do Nordeste frente à do País. De acordo com o Gráfico 1, em 2002, o VAB Industrial da Região representava 11,7% do Nacional e, em 2016, esta participação passou para 13,4%. Porém, o maior impulso observado se deu em 2015 e 2016, anos de característica recessiva, mas cujo desempenho industrial da Região foi de recuo menor do que o apresentado nacionalmente.

Gráfico 1 - Participação da Indústria do Nordeste na indústria brasileira (%) - VAB da Indústria de 2002 a 2016



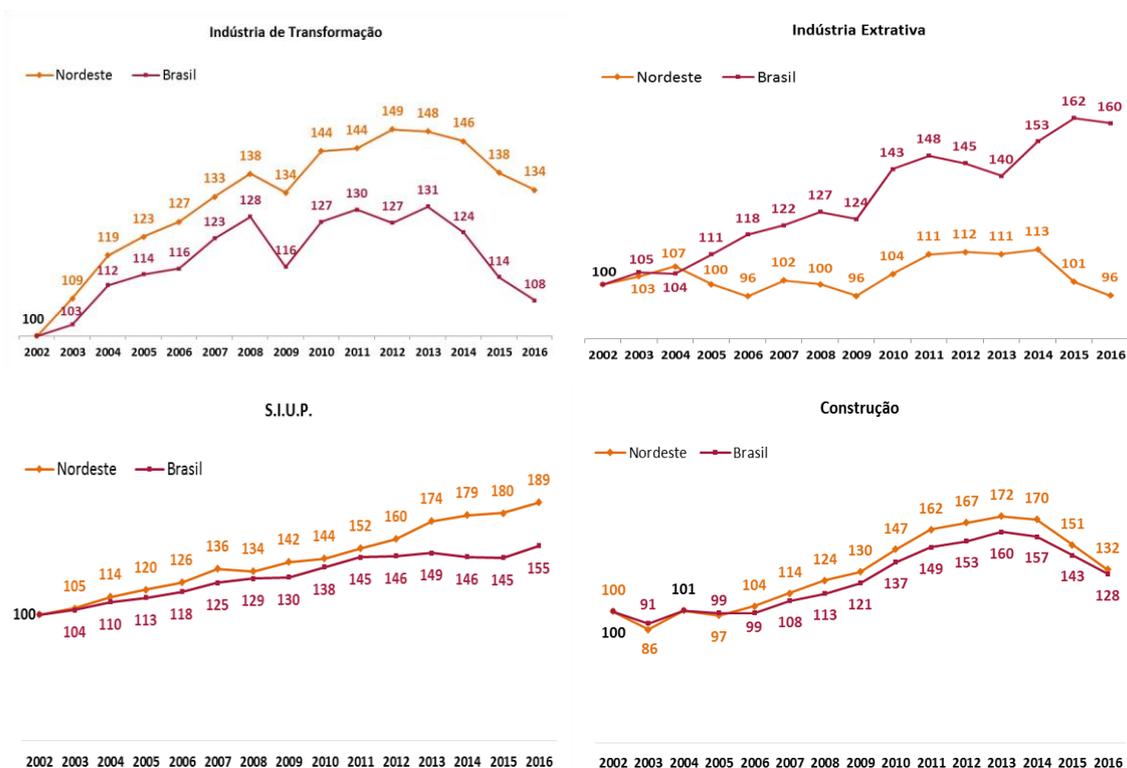
Fonte: Elaboração ETENE/BNB, com dados do IBGE.

O comportamento de cada uma das diversas categorias industriais, contudo, foi bastante diferente ao longo dos anos.

Entre 2002 e 2016, o crescimento da indústria de transformação do Nordeste foi interrompido apenas em 2009 e a partir de 2014, refletindo os sobressaltos econômicos dos respectivos períodos². Desta forma, esta indústria fechou a série com produção 34% maior que a de 2002 (Gráfico 2), em nível sempre acima da brasileira, que alcançou 2016 com crescimento de 8%, frente a 2002. O desempenho da indústria de transformação nordestina foi, portanto, superior ao do País, no referido período (Gráfico 2).

² Em 2009, houve reflexo da crise econômico-financeira internacional que afetou mais fortemente o Brasil naquele ano e, em 2014, observa-se o início de um processo de desaceleração econômica nacional, que culminou em dois anos de recessão, 2015 e 2016, a qual afetou a atividade industrial.

Gráfico 2 - Evolução do Valor Adicionado Bruto (VAB) da Indústria - Nordeste e Brasil - 2002 a 2016 (Número-índice: 2002 = 100)



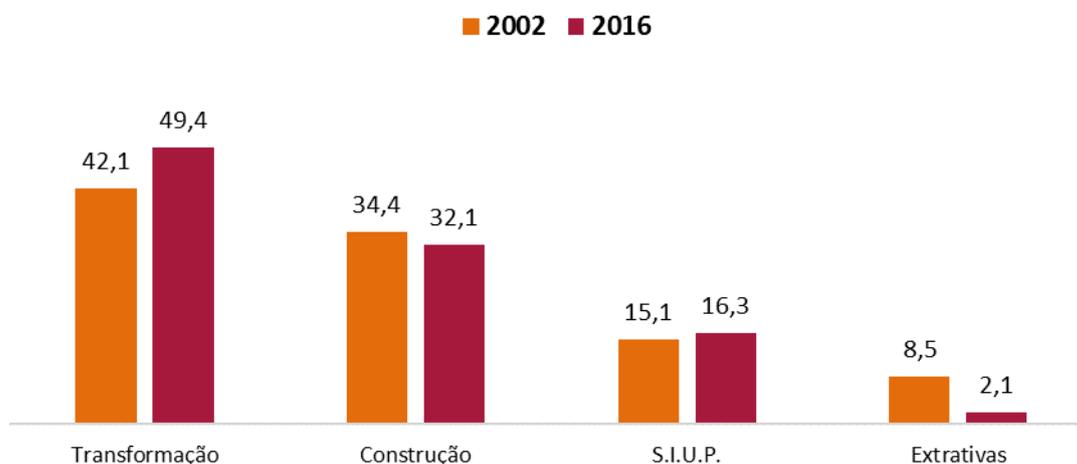
Fonte: Elaborado por ETENE/BNB, com dados das Contas Regionais, do IBGE.

Por outro lado, o comportamento da indústria extrativa regional se mostrou vacilante, com fraco desempenho e terminou a série com nível inferior ao inicial, perda de 4% frente a 2002. Neste caso, não acompanhou a evolução nacional que assinalou tendência de alta e atingiu elevação de 60% em 2016, comparado a 2002 (Gráfico 2).

Tanto para SIUP quanto para Construção, a evolução nordestina foi melhor que a nacional, ao longo do período. Em SIUP, a produção da Região, em 2016, foi 89% maior do que a de 2002; no Brasil, este percentual foi de 55%. A Construção, no Nordeste, produziu, em 2016, 32% a mais do que em 2002; no País, o crescimento foi de 28%, no mesmo período, conforme se verifica no Gráfico 2. Nestas duas categorias industriais, embora em geral com desempenho superior, o comportamento nordestino foi mais aproximado, ao longo dos anos, daquele desenvolvido pelo País.

Em termos de distribuição da composição da indústria, a comparação nas pontas da série (2002 e 2016) revelam a seguinte evolução (Gráfico 3):

Gráfico 3 - Variação na composição setorial da indústria do Nordeste (%) - 2002 e 2016 - Com base no VAB da Produção



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados das Contas Regionais do IBGE.

A indústria de transformação ganhou importância na produção industrial em geral do Nordeste, passando de 42,1% (2002) para 49,4%, em 2016, sendo responsável pela maior contribuição dentre as categorias (Gráfico 3). Em seguida, aparece a Construção, embora tenha registrado perda no mesmo período, passando de 34,4% para 32,1%. Também apresentaram avanço, os Serviços Industriais de Utilidade Pública (SIUP), de 15,1% (2002) para 16,3% (2016). Enquanto a indústria extrativa perdeu participação, de 8,5% para 2,1%.

Contudo, em 2016, embora a indústria de transformação tenha apresentado a maior contribuição na formação da indústria nordestina, 49,4%, algumas atividades da indústria extrativa mantiveram importância, dentre as principais do setor. De acordo com dados da Confederação Nacional da Indústria (CNI, 2019), dentre suas classificações, oito se destacaram na composição industrial da Região (Tabela 2): Alimentos (9,3%), Derivados do petróleo e biocombustíveis (8,2%), Químico (6,8%), Celulose e papel (2,8%), Couro e calçados (2,7%), Bebidas (2,7%), Extração de petróleo e gás natural (2,4%) e Minerais não metálicos (2,1%).

Tabela 2 - Participação (%) dos principais setores da indústria de transformação e extrativa no VTI total da indústria - Nordeste - 2016

Principais Setores	Participação (%)
Alimentos	9,3
Derivados de petróleo e biocombustíveis	8,2
Químico	6,8
Celulose e papel	2,8
Couro e calçados	2,7
Bebidas	2,7
Extração de petróleo e gás natural	2,4
Minerais não metálicos	2,1

Fonte: Elaboração ETENE/BNB, com dados do CNI.

A partir deste panorama geral da indústria do Nordeste, as seções seguintes buscarão observar, mais especificamente, as principais características das indústrias dos Estados da Região. De forma semelhante ao que foi desenvolvido nesta seção, serão verificadas suas taxas de crescimento, a evolução de suas categorias, bem como a contribuição de cada uma para a produção da indústria local, no período 2002 a 2016.

3. Perfil Industrial da Bahia

Conforme as Contas Regionais, do IBGE, a indústria da Bahia produziu R\$ 54,1 bilhões em 2016. Seu Valor Adicionado Bruto - VAB Industrial cresceu, em média, 1,7% a.a. (ao ano) entre 2002 e 2016, ao passo que os VAB Industriais do Nordeste e do Brasil apresentaram variação real de 2,1% a.a. e 1,5% a.a., respectivamente. Estes dados podem ser observados na Tabela 3.

Tabela 3 - Valor Adicionado Bruto da Indústria (VAB) em 2016 e Variação no período 2002-2016 ⁽¹⁾

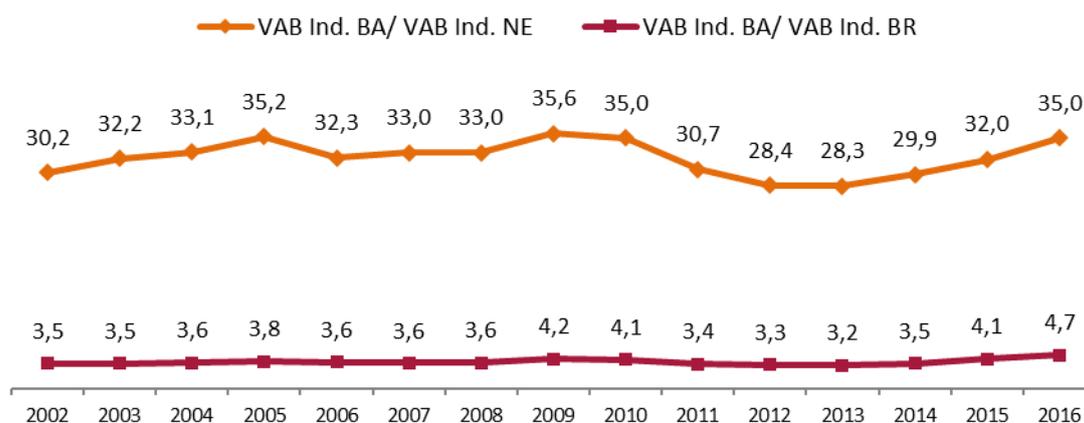
Nível Geográfico	VAB Industrial de 2016 (Milhões Reais)	Variação Real (%) 2002 - 2016	
		Acumulado	Média Anual
Brasil	1.150.207	22,4	1,5
Nordeste	154.503	33,2	2,1
Bahia	54.082	27,4	1,7

Fonte: Elaboração ETENE/BNB, com dados do IBGE.

Nota: (1) Valores a preços de 2016, corrigidos pelo seu deflator implícito.

Este ritmo de crescimento médio anual da indústria baiana imprimiu um resultado acumulado no VAB, de 2002 a 2016, de 27,4% (Tabela 3), ficando abaixo da média regional (33,2%), mas acima da nacional (22,4%). De qualquer modo, observou-se um ganho de participação da indústria baiana tanto em relação à indústria nordestina, quanto à do País. De acordo com o Gráfico 4, em 2002, o VAB Industrial da Bahia representava 30,2% do Regional e 3,5% do Nacional, em 2016, esta participação passou para 35,0% e 4,7%, respectivamente.

Gráfico 4 - Participação da Indústria da Bahia nas indústrias nordestina e brasileira (%) - VAB da Indústria de 2002 a 2016



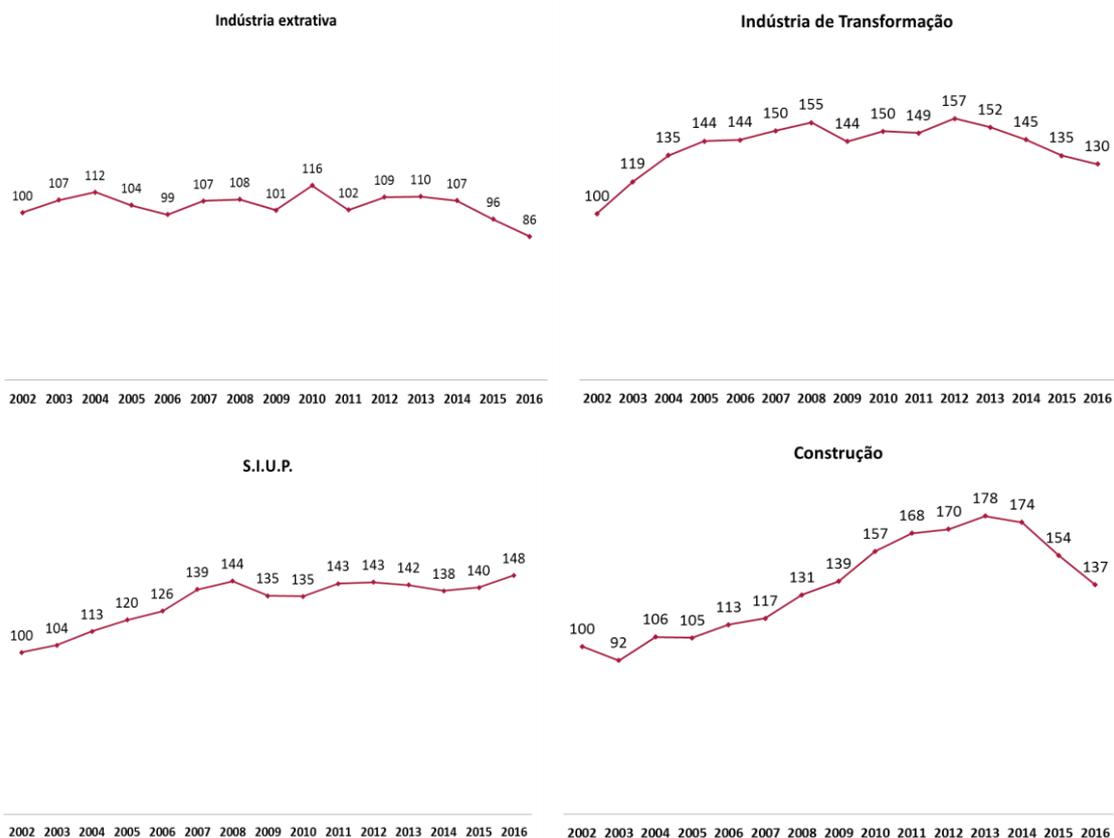
Fonte: Elaboração ETENE/BNB, com dados do IBGE.

Considerando todos os setores da economia (Agropecuária, Indústria, Serviços e Administração Pública), em 2016, o VAB Industrial da Bahia foi responsável por 23,7% de toda a riqueza gerada pelo Estado. Na série 2002-2016, essa participação tem se mantido em níveis superiores aos 20,0%, tendo registrado ganho na composição da produção total, em um comportamento que pode ser associado ao seu maior desempenho relativo. De fato, se comparada ao início da série divulgada pelo IBGE, em 2002 (23,5%), a indústria ganhou peso de 0,2 pontos percentuais (p.p.) no VAB total, em 2016, quando foi para os citados 23,7%.

Este movimento, de aumento do peso da indústria na composição do PIB do Estado, não foi comum às indústrias regional e nacional. No Nordeste, o setor representava 23,0% do total produzido pela Região, em 2002, e passou para 19,5%, em 2016, redução de 3,5 p.p.. Em relação ao País, a perda foi de 5,1 p.p., passando de 26,4% para 21,2%.

O crescimento do VAB da Indústria Geral da Bahia é explicado pelos segmentos da construção civil e de transformação, apesar da redução ininterrupta na produção destes dois setores, nos últimos três e quatro anos do período, respectivamente (Gráfico 5). Em 2016, estes responderam, conjuntamente, por 85,5% do VAB da Indústria Geral da Bahia.

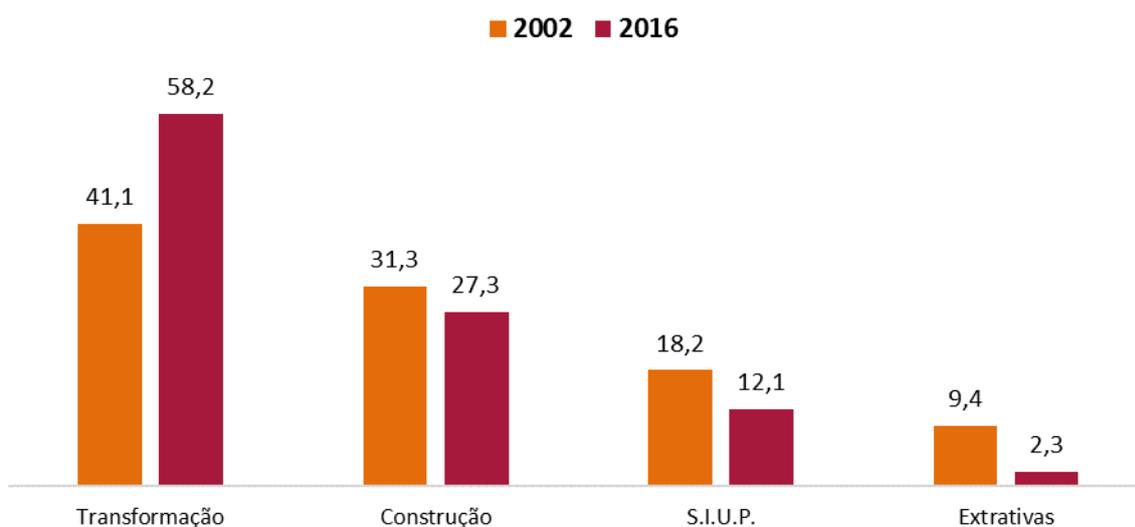
Gráfico 5 - Evolução do Valor Adicionado Bruto (VAB) da Indústria - Bahia - 2002 a 2016 (Número-índice: 2002 = 100)



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Em termos de comportamento, a produção extrativa mostrou tendência de relativa estabilidade, porém apresentou queda mais acentuada em 2015 e 2016 (Gráfico 5), atingindo os menores patamares de todo o período. Este percurso levou a uma significativa redução no peso do segmento extrativo na composição da indústria em geral do Estado, passando de 9,4%, em 2002, para 2,3%, em 2016 (Gráfico 6).

Gráfico 6 - Variação na composição setorial da indústria da Bahia - 2002 e 2016 (%) - (Com base no VAB da Produção)



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados das Contas Regionais do IBGE.

A indústria de transformação contou com seis anos de crescimento, de 2003 a 2008 (Gráfico 5), ocorrendo uma interrupção, dentre outros motivos, por influência da crise econômico-financeira que assolou a economia internacional, tendo atingido mais fortemente o Brasil em 2009. Após três anos de vale (2009 a 2011) e de um elevado crescimento em 2012, observa-se quatro anos seguidos de redução na produção, de 2013 a 2016. Cabe destacar que, assim como ocorreu para o ramo extrativo, a indústria de transformação foi afetada pelo período em que a economia brasileira entrou em compasso de recessão (final de 2014 a 2016). De qualquer forma, o peso da indústria de transformação na produção industrial total da Bahia alcançou 58,2% em 2016, ante 41,1%, em 2002. Dentre os grandes segmentos industriais, este foi o único que apresentou crescimento, na comparação entre as pontas da série (Gráfico 6). Para tanto, contribuíram os avanços no Polo de Camaçari (CASTRO, 2018) que expandiu suas atividades, passando a incluir, além da petroquímica, a indústria automotiva, de pneus, celulose solúvel, metalurgia do cobre, têxtil, fertilizantes, energia eólica, fármacos e bebidas. Este complexo industrial é responsável por 30% do total exportado pelo Estado da Bahia e responde por 20% do PIB estadual. Além deste, vale salientar, na Bahia, o setor de base florestal, referência como um dos maiores parques industriais de celulose do mundo (BRASIL, 2016-2017) e (BRASIL, 2018).

Os Serviços Industriais de Utilidade Pública (S.I.U.P.), compostos por eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação, apresentaram crescimento ininterrupto entre 2002 e 2008, mas perderam ritmo, contando, em seguida, com relativa estabilidade. Apenas em 2016 voltaram a mostrar maior reação (Gráfico 5). Este movimento se traduziu em queda deste segmento, na composição total da indústria: passou de 18,2%, em 2002, para 12,1%, em 2016 (Gráfico 6).

A indústria da Construção, que registrou oito anos seguidos de elevações (2006 a 2013), apresentou perdas desde então, acompanhando o período recessivo do País (Gráfico 5). Sua participação na indústria total passou de 31,3%, em 2002, para 27,3%, em 2016 (Gráfico 6).

Assim, em 2016, a indústria de transformação apresentou a maior contribuição na formação da indústria baiana, 58,2%. De acordo com dados da Confederação Nacional da Indústria (CNI), dentre suas atividades, cinco se destacaram em importância na composição industrial do Estado (Tabela 4): Derivados do petróleo e biocombustíveis (16,4%), Químico (12,0%) Alimentos (5,4%), Celulose e papel (4,3%), Borracha e material plástico (3,5%).

Tabela 4 - Participação (%) dos principais setores da indústria de transformação e extrativa no VTI total da indústria - Bahia – 2016

Principais Setores	Participação (%)
Derivados de petróleo e biocombustíveis	16,4
Químico	12,0
Alimentos	5,4
Celulose e papel	4,3
Borracha e material plástico	3,5
Extração de petróleo e gás natural	2,6
Metalurgia	2,0
Máquinas e materiais elétricos	1,7
Bebidas	1,6
Couro e calçados	1,6
Veículos automotores	1,5
Minerais não metálicos	1,1

Fonte: Elaboração ETENE/BNB, com dados do CNI.

4. Perfil Industrial de Pernambuco

Conforme as Contas Regionais, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2016, a indústria de Pernambuco produziu R\$ 28,4 bilhões. Ao analisar o desempenho do Valor Adicionado Bruto - VAB Industrial entre 2002 e 2016, verificou-se que este cresceu, em média, 1,8% a.a. (ao ano), enquanto os VAB Industriais do Nordeste e do Brasil apresentaram variação real de 2,1% a.a. e 1,5% a.a., respectivamente, de acordo com os dados da Tabela 5.

Tabela 5 - Valor Adicionado Bruto da Indústria (VAB) em 2016 e Variação no período 2002-2016 ⁽¹⁾

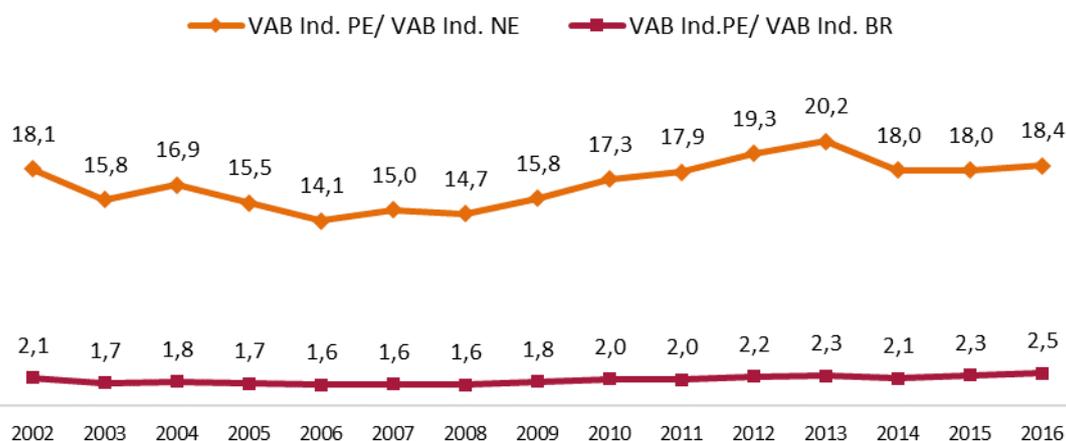
Nível Geográfico	VAB Industrial de 2016 (Milhões Reais)	Variação Real (%) 2002 - 2016	
		Acumulado	Média Anual
Brasil	1.150.207	22,4	1,5
Nordeste	154.503	33,2	2,1
Pernambuco	28.361	28,1	1,8

Fonte: Elaboração ETENE/BNB, com dados do IBGE.

Nota: (1) Valores a preços de 2016, corrigidos pelo seu deflator implícito.

Assim como ocorreu na indústria baiana, o crescimento acumulado do VAB Industrial de Pernambuco (28,1%), entre 2002 e 2016 (Tabela 5), ficou abaixo da média Regional (33,2%), mas acima da Nacional (22,4%). De qualquer modo, observou-se um ganho de participação da indústria pernambucana tanto em relação à indústria nordestina, quanto à do País. De acordo com o Gráfico 7, em 2002, o VAB Industrial de Pernambuco representava 18,1% do Regional e 2,1% do Nacional, em 2016, esta passou para 18,4% e 2,5%, respectivamente.

Gráfico 7 - Participação da Indústria de Pernambuco nas indústrias nordestina e brasileira (%) - VAB da Indústria de 2002 a 2016



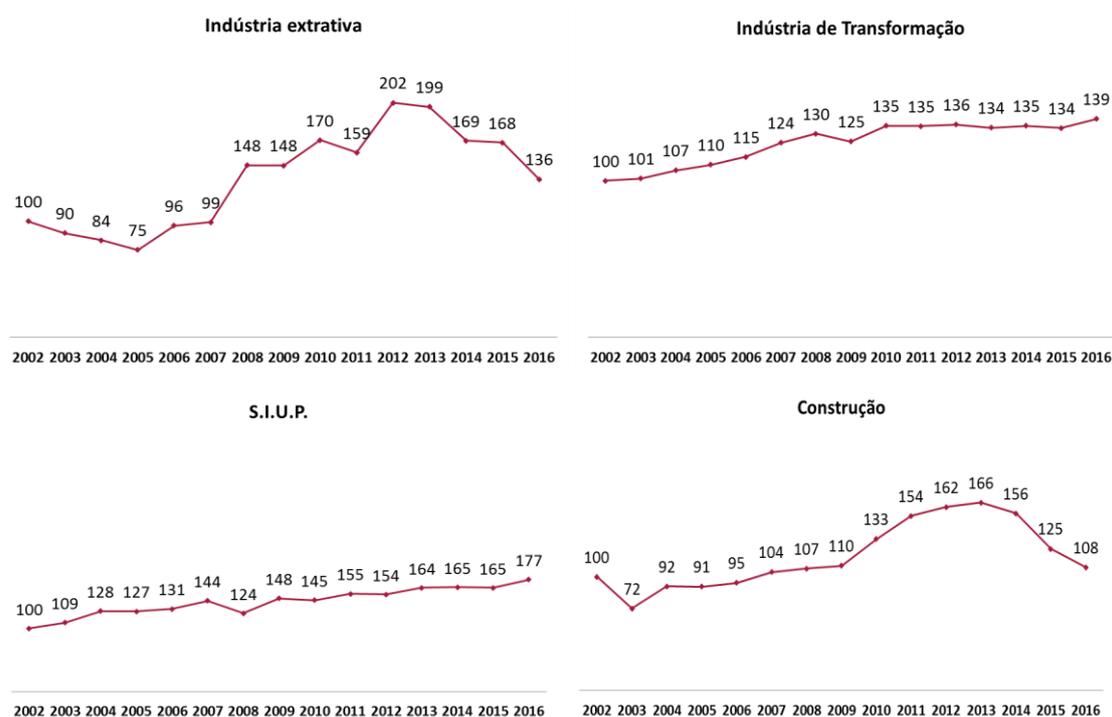
Fonte: Elaboração ETENE/BNB, com dados do IBGE.

Considerando todos os setores da economia (Agropecuária, Indústria, Serviços e Administração Pública), em 2016, o VAB Industrial de Pernambuco foi responsável por 19,7% de toda a riqueza gerada pelo Estado. Na série 2002-2016, essa participação foi se reduzindo, chegando a níveis inferiores aos 20,0% em um comportamento que pode ser associado ao seu menor desempenho relativo. De fato, se comparada ao início da série divulgada pelo IBGE, em 2002 (22,8%), a indústria perdeu peso, -3,1 p.p., na composição da produção total.

A Indústria Geral de Pernambuco depende, em especial, do desempenho do VAB dos segmentos da construção civil e de transformação. Tais setores, em 2016, responderam, conjuntamente, por 85,8% do VAB da indústria total do Estado.

Em termos de comportamento, a produção extrativa registrou expressivo crescimento, entre 2006 e 2012. Desde 2013, contudo, apresentou movimento de redução ininterrupta, embora tenha alcançado, em 2016, nível ainda superior ao do início da série (Gráfico 8).

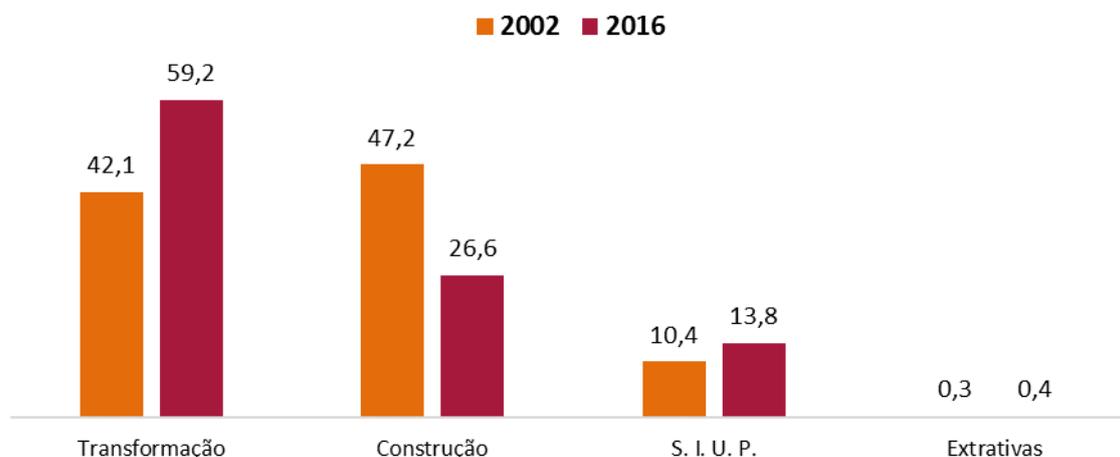
Gráfico 8 - Evolução do Valor Adicionado Bruto (VAB) da Indústria - Pernambuco - 2002 a 2016 (Número-índice: 2002 = 100)



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Apesar das elevações, este percurso levou a uma contribuição relativamente estável do peso do segmento extrativo na composição da indústria em geral do Estado, passando de 0,3%, em 2002, para 0,4%, em 2016 (Gráfico 9).

Gráfico 9 - Variação na composição setorial da indústria da Pernambuco - 2002 e 2016 (%) - (Com base no VAB da Produção)



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados das Contas Regionais do IBGE.

No caso da indústria de transformação (Gráfico 8), observou-se um período de seis anos de crescimento (2003 a 2008), tendo sido interrompido, dentre outros motivos, por influência da crise econômico-financeira que assolou a economia internacional, e atingiu o Brasil em 2009. Seguido por mais seis anos de relativa estabilidade da atividade industrial (2010 a 2015). A produção pernambucana só voltou a reagir em 2016. De qualquer forma, pode-se argumentar que este segmento atravessou relativamente bem, a mais recente recessão econômica brasileira, iniciada em fins de 2014, até 2016. O peso da indústria de transformação na produção industrial total, de Pernambuco, saiu de 42,1%, em 2002, para 59,2%, em 2016 (Gráfico 9).

Nesse contexto, vale mencionar a análise relativa à indústria de transformação, que se refere à sua proporção em relação à produção total, ou Produto Interno Bruto (PIB). No caso de Pernambuco, esta relação saiu de 9,6% (2002), para 11,7% (2016), o que aponta para um avanço industrial na economia do Estado. Contribuíram para esse ganho, os incrementos no Complexo Industrial e Portuário de Suape (SUAPE, c2016) que incluem o polo petroquímico, o de componentes eólicos e o próprio porto, além da inauguração de fábricas de diversos setores, e as expansões nas obras de infraestrutura que favoreceram também a indústria da construção, em especial a partir da segunda metade dos anos 2000. Destacam-se também a implantação do polo automotivo da Fiat Chrysler, em Goiana, e o Polo de TIC (PORTO DIGITAL, c2019), que contempla o Parque Tecnológico Porto Digital.

Os Serviços Industriais de Utilidade Pública (S.I.U.P.), compostos por eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação, apresentaram tendência de crescimento suave durante todo o período (Gráfico 8). Essa elevação se traduziu em aumento, deste segmento, na composição total da indústria: passou de 10,4%, em 2002, para 13,8%, em 2016 (Gráfico 9).

A indústria da Construção experimentou elevações contínuas desde 2006, acelerando este movimento a partir de 2010 até 2013. Porém, passou a registrar reduções entre 2014 e 2016, acompanhando o período recessivo do País (Gráfico 8). Neste processo, o segmento perdeu participação na indústria total do Estado, passando de 47,2%, em 2002, para 26,6%, em 2016. Na verdade, este foi o único segmento que perdeu participação entre 2002-2016 (Gráfico 9).

Resumidamente, observa-se que, em 2016, a indústria de transformação respondeu pela maior contribuição na composição da indústria de Pernambuco, 59,2% (Gráfico 9), seguida por Construção (26,6%), Serviços Industriais de Utilidade Pública (13,8%) e Extrativa (0,4%).

De acordo com a Confederação Nacional da Indústria (CNI), dentre as atividades da indústria de transformação, sete se destacaram em importância no valor da transformação industrial total, em 2016 (Tabela 6): Alimentos (17,4%), Químicos (7,7%), Derivados do petróleo e biocombustíveis (6,0%), Veículos automotores (4,9%), Bebidas (3,6%), Minerais não metálicos (3,0%) e Produtos de metal (2,9%).

Tabela 6 - Participação (%) dos principais setores da indústria de transformação no VTI total da indústria - Pernambuco – 2016

Principais Setores	Participação (%)
Alimentos	17,4
Químicos	7,7
Derivados de petróleo e biocombustíveis	6,0
Veículos automotores	4,9
Bebidas	3,6
Minerais não metálicos	3,0
Produtos de metal	2,9

Fonte: Elaboração ETENE/BNB, com dados do CNI.

5. Perfil Industrial do Ceará

Conforme as Contas Regionais, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2016, a indústria do Ceará produziu R\$ 23,4 bilhões. Ao analisar o desempenho do Valor Adicionado Bruto - VAB Industrial entre 2002 e 2016, verificou-se que este cresceu, em média, 1,8% a.a. (ao ano), enquanto os VAB Industriais do Nordeste e do Brasil apresentaram variação real de 2,1% e 1,5%, respectivamente, conforme dados da Tabela 7.

Tabela 7 - Valor Adicionado Bruto da Indústria (VAB) em 2016 e Variação no período 2002-2016 ⁽¹⁾

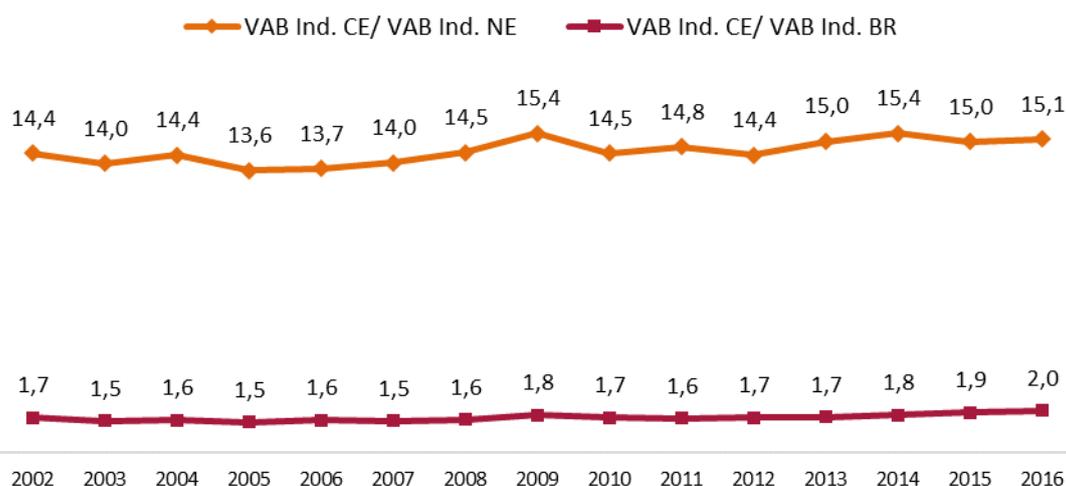
Nível Geográfico	VAB Industrial de 2016 (Milhões Reais)	Variação Real (%) 2002 - 2016	
		Acumulado	Média Anual
Brasil	1.150.207	22,4	1,5
Nordeste	154.503	33,2	2,1
Ceará	23.374	27,7	1,8

Fonte: Elaboração ETENE/BNB, com dados do IBGE.

Nota: (1) Valores a preços de 2016, corrigidos pelo seu deflator implícito.

Assim como ocorreu para Bahia e Pernambuco, o crescimento acumulado do VAB Industrial do Ceará (27,7%) ficou abaixo da média Regional (33,2%), mas acima da Nacional (22,4%), verificados de 2002 a 2016 (Tabela 7). E, da mesma forma, observou-se um ganho de participação da indústria cearense tanto em relação à indústria nordestina, quanto à do País. De acordo com o Gráfico 10, em 2002, o VAB Industrial do Ceará representava 14,4% do Regional e 1,7% do Nacional, em 2016, este passou para 15,1% e 2,0%, respectivamente.

Gráfico 10 - Participação da Indústria do Ceará nas indústrias nordestina e brasileira (%) - VAB da Indústria de 2002 a 2016



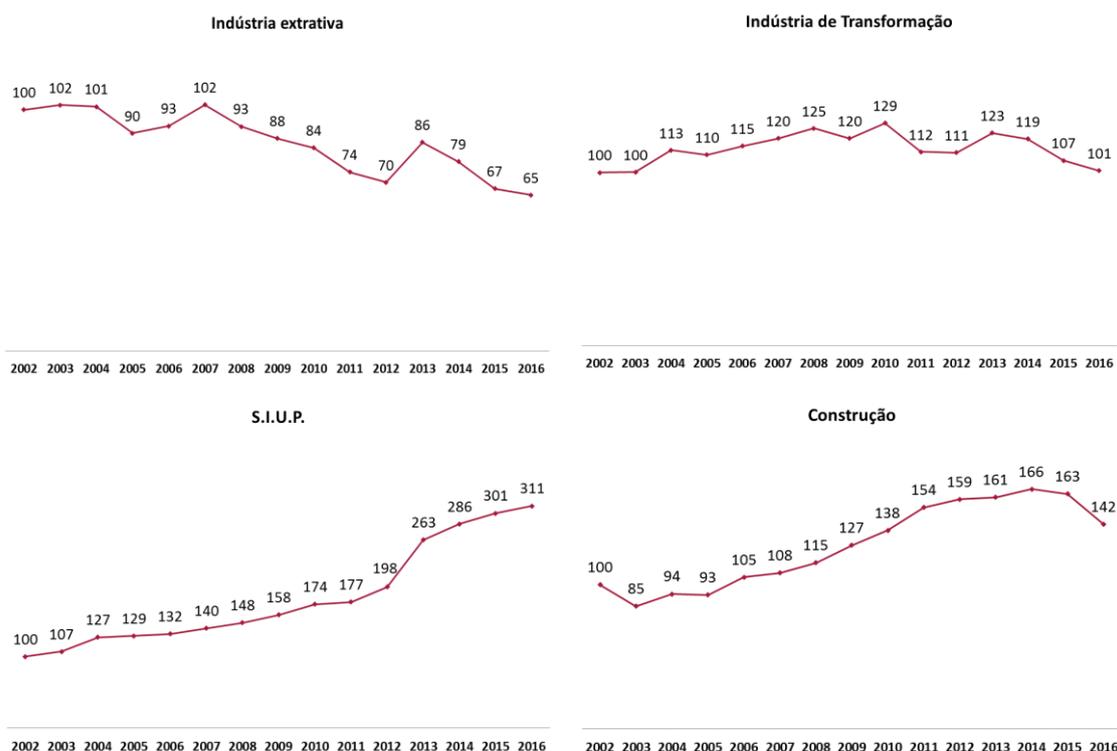
Fonte: Elaboração ETENE/BNB, com dados do IBGE.

Analisando-se os setores econômicos (Agropecuária, Indústria e Serviços), verifica-se que a indústria cearense foi responsável por 19,2% de toda a riqueza gerada pelo Estado em 2016. Contudo, se comparada à sua participação no início da série divulgada pelo IBGE, em 2002 (22,7%), a indústria perdeu peso, -3,5 p.p., na composição setorial da produção total. Os serviços, por sua vez, ganharam importância, tendo a participação aumentada de 69,8% em 2002 para 76,1% em 2016. A agropecuária também perdeu participação: de 7,5% em 2002 para 4,7% em 2016.

Este não foi um movimento restrito ao Ceará, mas um comportamento comum para as indústrias regional e nacional. No Nordeste, a indústria representava 23,0% do total produzido pela Região, em 2002, tendo caído para 19,5%, em 2016, redução de 3,5 p.p. Já no País, a perda foi de 5,1 p.p., passando de 26,4% em 2002 para 21,2% em 2016.

Porém, tendo em vista não se tratar de uma trajetória linear, cabe observar o processo de evolução do nível de atividade industrial, ao longo desses anos. Tal perspectiva auxilia na compreensão de como este se desenvolveu e suas possíveis oscilações, permitindo acompanhar os reflexos dos mais diversos acontecimentos econômicos sobre a atividade industrial, até chegar ao resultado mais recente. Para tanto, o Gráfico 11 mostra a evolução das diferentes categorias da indústria no Ceará, entre os anos de 2002 e 2016.

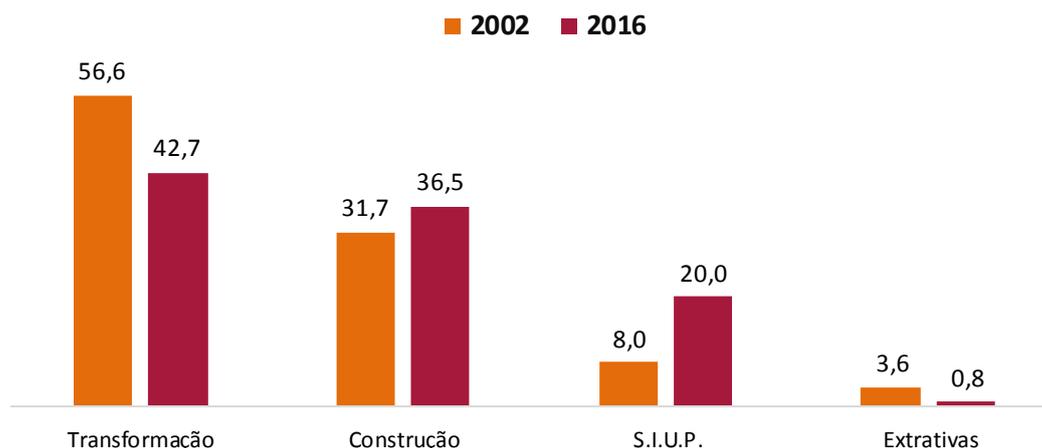
Gráfico 11 - Evolução do Valor Adicionado Bruto (VAB) da Indústria - Ceará - 2002 a 2016 (Número-índice: 2002 = 100)



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Registre-se que a produção extrativa mostrou tendência de queda, durante o período em análise. Tal movimento ocorreu de forma ininterrupta entre 2014 e 2016 (Gráfico 11). Este percurso levou a uma redução no peso do segmento extrativo na composição da indústria em geral do Ceará, passando de 3,6%, em 2002, para 0,8%, em 2016 (Gráfico 12).

Gráfico 12 - Variação na composição setorial da indústria do Ceará - 2002 e 2016 (%) - Com base no VAB da Produção



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados das Contas Regionais do IBGE.

No caso da indústria de transformação, observou-se uma tendência de crescimento entre 2002 e 2010 (Gráfico 11), o que pode ter sido interrompido, dentre outros motivos, por influência da crise econômico-financeira que assolou a economia internacional, a qual chegou mais fortemente ao Brasil, em 2009. Em seguida, verifica-se uma queda continuada entre 2014 e 2016, assim como ocorreu para o ramo extrativo, período em que a economia brasileira entrou em compasso de recessão. Consequentemente, o peso da indústria de transformação na produção industrial total, do Ceará, saiu de 56,6%, em 2002, para 42,7%, em 2016 (Gráfico 12).

Contudo, vale mencionar os esforços direcionados ao desenvolvimento industrial que vêm contribuindo para a diversificação e fortalecimento de importantes setores no Estado, proporcionando incremento nas exportações. O segmento metal-mecânico tem se mostrado como um dos mais promissores e ganhou maior importância a partir da implantação da Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP), que prospecta o desenvolvimento de toda uma cadeia produtiva em torno da siderúrgica, no Complexo Industrial e Portuário do Pecém BRASIL, 2016-2017), (BRASIL, 2018), e (COMPANHIA SIDERÚRGICA DA PECÉM, c2019). Os investimentos destinados à indústria eólica que abrangem não apenas a geração e comercialização de energia limpa, mas também a fabricação e exportação de equipamentos elétricos, o desenvolvimento de tecnologia e conhecimento, ou seja, alcança toda a cadeia produtiva. Destacam-se também, no Estado, o setor de mineração e o agronegócio.

Os Serviços Industriais de Utilidade Pública - S.I.U.P., compostos por eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação, foram os únicos a apresentarem crescimento ininterrupto durante todo o período, ganhando ritmo ainda maior a partir de 2013 (Gráfico 11). Esse avanço se traduziu em significativo aumento, deste segmento, na composição total da indústria: passou de 8,0%, em 2002, para 20,0%, em 2016 (Gráfico 12).

Desde 2004, a indústria da Construção registrou elevações contínuas, movimento que se estendeu, praticamente, por 10 anos, até 2014. Em 2015 e 2016 (Gráfico 11), contudo, a atividade da Construção se reduziu, assim como aconteceu com as indústrias Extrativa e de Transformação, acompanhando o período recessivo do País. De qualquer forma, o segmento ganhou participação na indústria total, passando de 31,7%, em 2002, para 36,5%, 2016 (Gráfico 12).

Cabe destacar que, apesar da perda de participação, a indústria de transformação tem mantido a maior contribuição na composição da indústria do Ceará, 42,7% em 2016 (Gráfico 12), seguida por Construção (36,5%), Serviços Industriais de Utilidade Pública (20,0%) e Extrativa (0,8%).

De acordo com a Confederação Nacional da Indústria (CNI), dentre as atividades da indústria de transformação, dez se destacaram em importância no valor da transformação industrial total do Ceará, em 2016 (Tabela 8): Couro e calçados (9,1%), Alimentos (9,0%), Vestuário (4,3%), Bebidas (3,3%), Derivados do petróleo e biocombustíveis (3,0%), Minerais não metálicos (2,1%), Máquinas e materiais elétricos (2,1%), Têxteis (2,1%), Químico (1,8%) e Produtos de metal (0,9%).

Tabela 8 - Participação (%) dos principais setores da indústria de transformação no VTI total da indústria - Ceará - 2016

Principais Setores	Participação (%)
Couros e calçados	9,1
Alimentos	9,0
Vestuário	4,3
Bebidas	3,3
Derivados de petróleo e biocombustíveis	3,0
Minerais não-metálicos	2,1
Máquinas e materiais elétricos	2,1
Têxteis	2,1
Químico	1,8
Produtos de metal	0,9

Fonte: Elaboração ETENE/BNB, com dados do CNI.

6. Perfil Industrial no Maranhão

Conforme as Contas Regionais, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a indústria do Maranhão produziu R\$ 13,2 bilhões em 2016. O Valor Adicionado Bruto - VAB Industrial do Maranhão cresceu em média 4,2% ao ano (a.a.), entre 2002 e 2016, ao passo que o VAB Industrial do Nordeste e Brasil apresentou variação real de 2,1% a.a. e 1,5% a.a., respectivamente. No acumulado, entre 2002 e 2016, a produção industrial cresceu 77,5% no Maranhão, 33,2% no Nordeste, e 22,4% no Brasil, assinalando que, comparativamente, houve um elevado dinamismo industrial maranhense, conforme dados da Tabela 9.

Tabela 9 - Valor Adicionado Bruto da Indústria (VAB) em 2016 e Variação no período 2002-2016 ⁽¹⁾

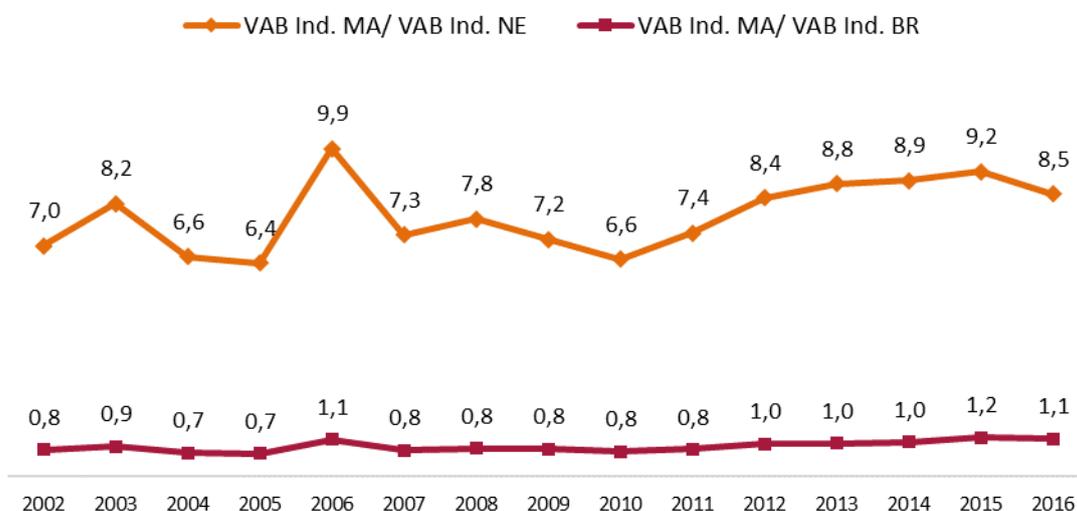
Nível Geográfico	VAB Industrial de 2016 (Milhões Reais)	Variação Real (%) 2002 - 2016	
		Acumulado	Média Anual
Brasil	1.150.207	22,4	1,5
Nordeste	154.503	33,2	2,1
Maranhão	13.171	77,5	4,2

Fonte: Elaboração ETENE/BNB, com dados do IBGE.

Nota: (1) Valores a preços de 2016, corrigidos pelo seu deflator implícito.

O crescimento do VAB Industrial do Maranhão acima da média regional e nacional, verificados entre 2002 a 2016, favoreceu a um ganho de participação da indústria maranhense em relação à indústria regional e nacional. De acordo com o Gráfico 13, em 2002, o VAB Industrial do Maranhão representava 7,0% do Regional e 0,8% do Nacional; em 2016, a participação no VAB Industrial do Maranhão passou para 8,5% e 1,1%, respectivamente.

Gráfico 13 - Participação da Indústria do Maranhão nas indústrias nordestina e brasileira (%) - VAB da Indústria de 2002 a 2016



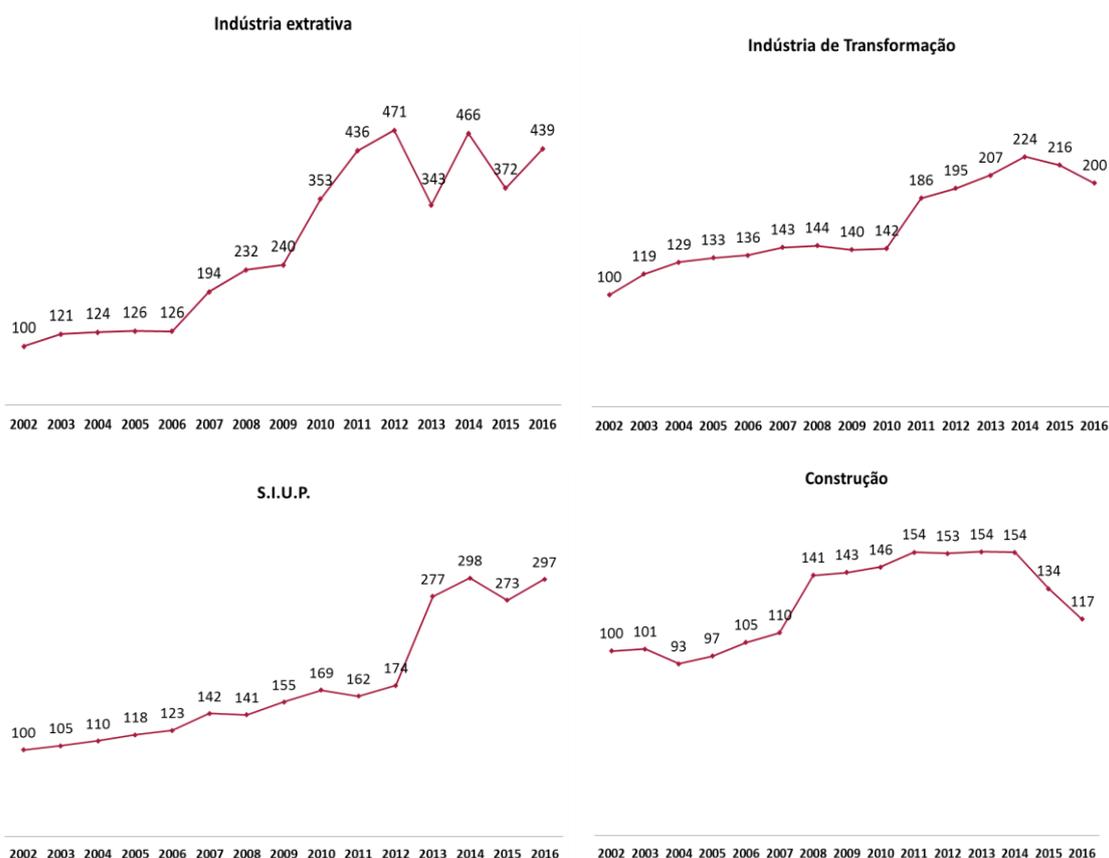
Fonte: Elaboração ETENE/BNB, com dados do IBGE.

Quanto à importância da indústria para a economia do próprio Estado, observa-se que, em 2016, o VAB Industrial do Maranhão foi responsável por 17,4% de toda a riqueza gerada pelo Estado. Na série 2002-2016, essa participação oscilou, chegando a atingir 23,8%, em 2006, mas se manteve em níveis inferiores aos 20,0%, desde então, em um comportamento que pode ser associado ao seu menor desempenho relativo, diante do avanço nos Serviços. De fato, se comparada à participação no início da série divulgada pelo IBGE (18,8%, em 2002), a indústria perdeu peso, 1,4 ponto percentual (p.p.), no VAB total da economia.

Embora este movimento, de redução relativa do peso da indústria na composição total da economia, não tenha sido restrito ao Estado maranhense, a redução da contribuição da indústria à economia local foi menor no Maranhão (-1,4 p.p.) do que a verificada regional (-3,5 p.p.) e nacionalmente (-5,1 p.p.). No Nordeste, o setor representava 23,0% do total produzido pela Região, em 2002, e passou para 19,5%, em 2016, redução de 3,5 p.p.. Em relação ao País, a perda foi de 5,1 p.p., passando de 26,4% para 21,2%, respectivamente.

Porém, tendo em vista não se tratar de uma trajetória linear, cabe observar o processo de evolução do nível de atividade industrial, ao longo desses anos. O Gráfico 14 mostra a evolução das diferentes categorias da indústria do Maranhão, entre os anos de 2002 e 2016.

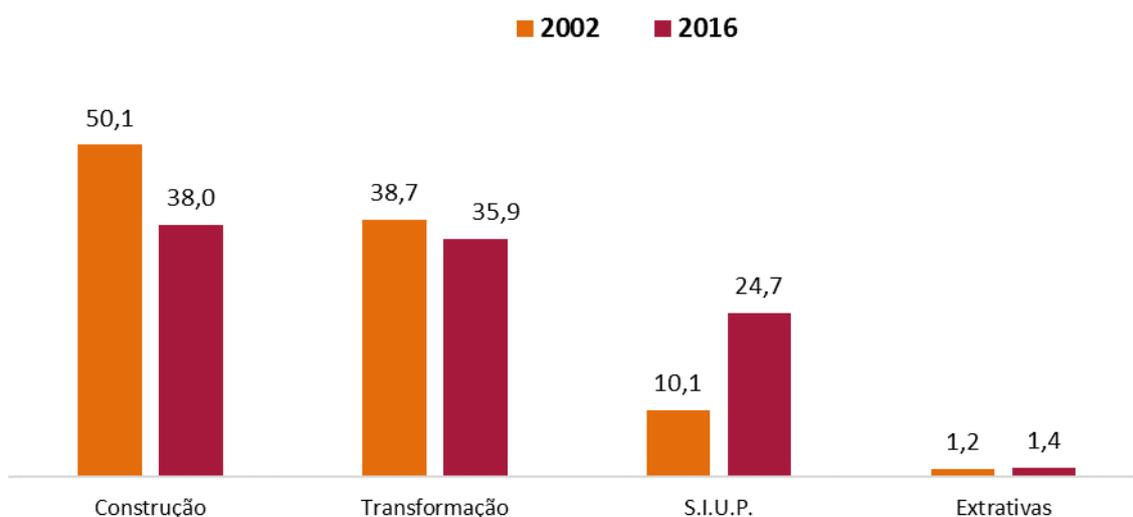
Gráfico 14 - Evolução do Valor Adicionado Bruto (VAB) da Indústria - Maranhão - 2002 a 2016 (Número-índice: 2002 = 100)



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

A produção extrativa foi, sem dúvida, a que mais cresceu durante o período. Subiu ininterruptamente, entre 2002 e 2012, oscilando em seguida, mas fechou 2016 em patamar ainda elevado (Gráfico 14). Este percurso levou a um aumento no peso do segmento extrativo na composição da indústria em geral do Estado, passando de 1,2%, em 2002, para 1,4%, em 2016 (Gráfico 15).

Gráfico 15 - Variação na composição setorial da indústria em geral - Maranhão - 2002 e 2016 (%) - (Com base no VAB)



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados do IBGE.

A indústria de transformação mostrou tendência de elevação ao longo da série, acelerando o ritmo entre 2011 e 2014 (Gráfico 14). Em 2015 e 2016, contudo, assinalou reduções, afetada, dentre outros motivos, pelo período em que a economia brasileira entrou em compasso de recessão. Apesar da evolução observada, o peso da indústria de transformação na produção industrial total caiu de 38,7%, em 2002, para 35,9%, em 2016 (Gráfico 15). Cabe destacar, porém, que o Maranhão conta com importante parque industrial, com potencial de avanços, por exemplo, na indústria de base florestal (produção de madeira, celulose e papel, moveleira); siderúrgica (aciaria, laminação e fundição); petróleo e gás natural (produção de plataformas, dutos, equipamentos para refino e processamento, refino e petroquímico), além do esforço de descentralização, a partir da instalação de parques empresariais no interior do Estado, a exemplo de Caxias, Timon, Imperatriz, Pinheiro, Grajaú, Balsas, Aldeias Altas e Porto Franco (BRASIL, 2016-2017) e (BRASIL, 2018).

Os Serviços Industriais de Utilidade Pública (SIUP), compostos por eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação, tiveram, em geral, desempenho positivo, mas foram especialmente alavancados a partir de 2013 (Gráfico 14). Este movimento se traduziu em significativa expansão deste segmento, na composição total da indústria: passou de 10,1%, em 2002, para 24,7%, em 2016 (Gráfico 15).

A indústria da Construção galgou patamares mais elevados a partir de 2008, mantendo relativa estabilidade até 2014. Em 2015 e 2016 apresentou perdas, acompanhando o período recessivo do País. Sua participação na indústria total passou de 50,1%, em 2002, para 38,0%, em 2016 (Gráfico 15).

Em síntese, observa-se que apesar do recuo, a indústria da Construção se manteve responsável pela maior contribuição na formação da indústria Maranhense, 38,0% em 2016, seguida pela indústria de Transformação (35,9%). De acordo com dados da Confederação Nacional da Indústria (CNI), dentre as oito atividades que se destacaram em importância na composição industrial do Estado, em 2016, Extração de petróleo e gás natural (3,3%), ficou na quinta posição, enquanto as demais são da indústria de transformação (Tabela 10): Celulose e papel (10,2%), Metalurgia (7,4%), Alimentos (4,4%), Bebidas (3,5%), Químico (2,8%), Minerais não metálicos (2,0%) e Derivados do petróleo e biocombustíveis (0,9%).

Tabela 10 - Participação (%) dos principais setores da indústria de transformação no VTI total da indústria - Maranhão - 2016

Principais Setores	Participação (%)
Celulose e papel	10,2
Metalurgia	7,4
Alimentos	4,4
Bebidas	3,5
Extração de petróleo e gás natural	3,3
Químicos	2,8
Minerais não metálicos	2,0
Derivados de petróleo e biocombustíveis	0,9

Fonte: Elaboração ETENE/BNB, com dados do CNI.

7. Produção Industrial de Alagoas

Conforme as Contas Regionais, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a indústria de Alagoas produziu R\$ 5,5 bilhões em 2016. Analisando o Valor Adicionado Bruto - VAB Industrial de Alagoas no período 2002 e 2016, verificou-se crescimento em média de 1,5% ao ano (a.a.), ao passo que os VAB Industriais do Nordeste e do Brasil apresentaram variação real de 2,1% a.a. e 1,5% a.a., respectivamente. No acumulado, no mesmo período em análise, a produção industrial cresceu 22,8% em Alagoas, 33,2% no Nordeste, e 22,4% no Brasil, conforme informações da Tabela 11.

Tabela11 - Valor Adicionado Bruto da Indústria (VAB) em 2016 e Variação no período 2002-2016 ⁽¹⁾

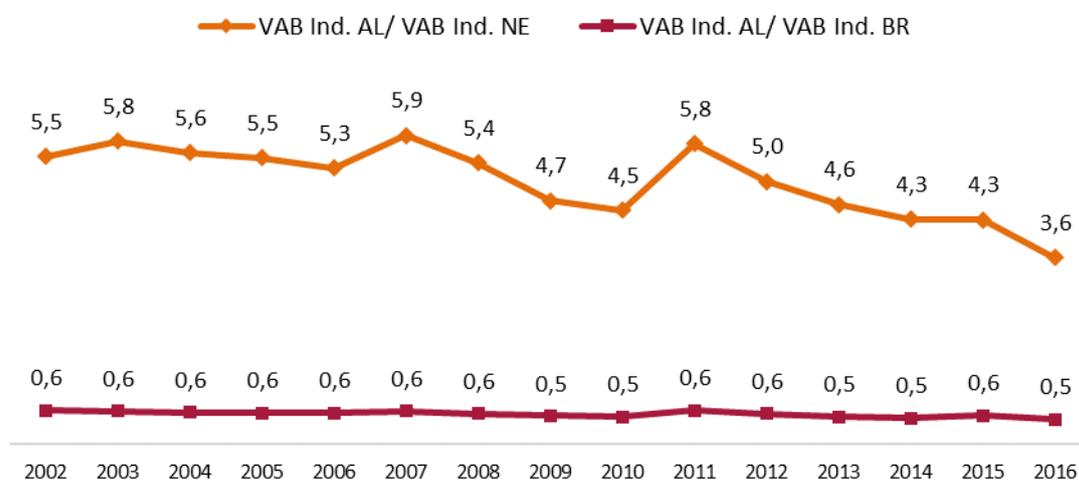
Nível Geográfico	VAB Industrial de 2016 (Milhões Reais)	Variação Real (%) 2002 - 2016	
		Acumulado	Média Anual
Brasil	1.150.207	22,4	1,5
Nordeste	154.503	33,2	2,1
Alagoas	5.539	22,8	1,5

Fonte: Elaboração ETENE/BNB, com dados do IBGE.

Nota: (1) Valores a preços de 2016, corrigidos pelo seu deflator implícito.

Com crescimento do VAB Industrial de Alagoas abaixo da média regional e praticamente o mesmo que o nacional, verificado entre 2002 a 2016, ocorreu uma perda de participação da indústria alagoana em relação às indústrias regional e nacional. De acordo com o Gráfico 16, em 2002, o VAB Industrial de Alagoas representava 5,5% do Regional e 0,6% do Nacional; em 2016, a participação no VAB Industrial de Alagoas passou para 3,6% e 0,5%, respectivamente, menor patamar de contribuição da série.

Gráfico 16 - Participação da Indústria de Alagoas nas indústrias nordestina e brasileira (%) - VAB da Indústria de 2002 a 2016



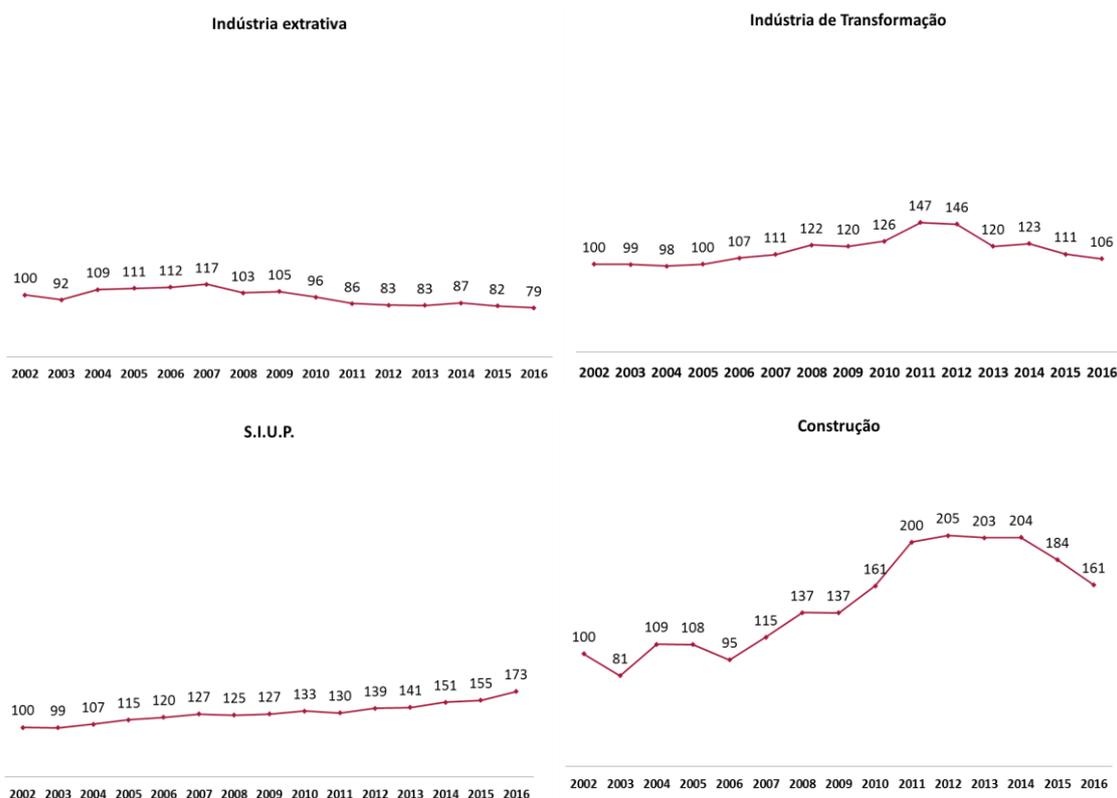
Fonte: Elaboração ETENE/BNB, com dados do IBGE.

Observando a importância da indústria para a economia do próprio Estado, percebe-se que, em 2016, o VAB Industrial de Alagoas foi responsável por 12,4% de toda a riqueza gerada pelo Estado. Na série 2002-2016, essa participação tinha se mantido a níveis superiores aos 20,0% entre 2002 e 2008; no entanto, a partir de 2012, registrou perda na composição da produção total, em um comportamento que pode ser associado ao seu menor desempenho relativo. De fato, se comparada à participação no início da série divulgada pelo IBGE (20,5%, em 2002), a indústria perdeu peso (-8,1 pontos percentuais) no VAB total da economia.

Embora este não tenha sido um movimento restrito ao Estado, a redução da contribuição da indústria à economia local foi maior em Alagoas (-8,1 p.p.) do que a verificada regionalmente (-3,5 p.p.) e nacionalmente (-5,1 p.p.). No Nordeste, o setor representava 23,0% do total produzido pela Região, em 2002, e passou para 19,5%, em 2016. Já no País, passou de 26,4% para 21,2%, respectivamente.

Porém, tendo em vista não se tratar de uma trajetória linear, cabe observar o processo de evolução do nível de atividade industrial, ao longo desses anos. O Gráfico 17 mostra a evolução das diferentes categorias da indústria de Alagoas, entre os anos de 2002 e 2016.

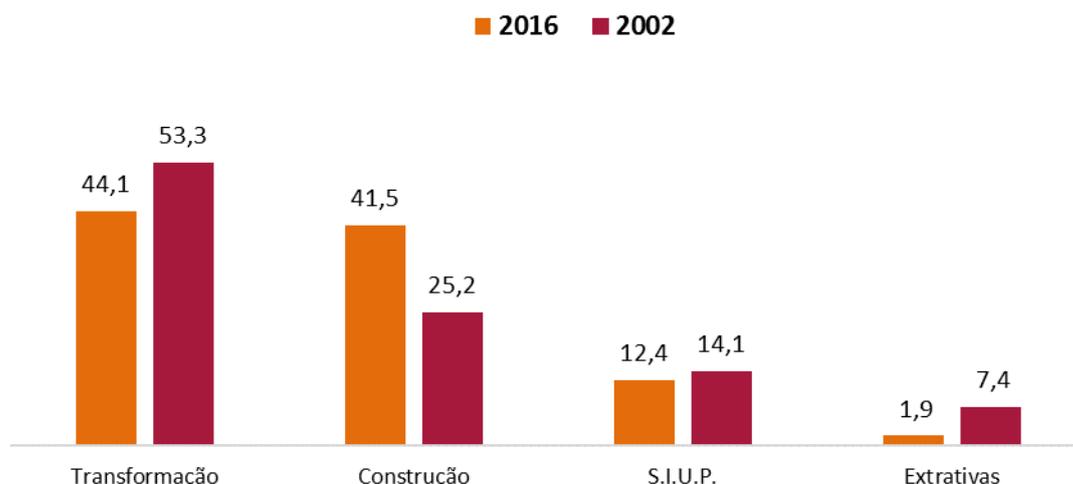
Gráfico 17 - Evolução do Valor Adicionado Bruto (VAB) da Indústria - Alagoas - 2002 a 2016 (Número-índice: 2002 = 100)



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Dentre elas, a Construção, se destacou por apresentar maior dinamismo, com tendência de alta até 2014, mas reduzindo a produção em 2015 e 2016, período em que a economia brasileira entrou em compasso de recessão. Mesmo com tendência de redução nestes dois últimos anos, a participação na indústria total passou de 25,2%, em 2002, para 41,5%, em 2016, único segmento a registrar elevação, na comparação entre as pontas da série (Gráfico 18).

Gráfico 18 - Variação na composição setorial da indústria de Alagoas (%) - 2002 e 2016 (com base no VAB)



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados das Contas Regionais do IBGE.

A indústria de transformação mostrou crescimento relativamente moderado até 2012, mas foi reduzindo o patamar desde então (Gráfico 17). O peso deste segmento na produção industrial total caiu de 53,3%, em 2002, para 44,1%, em 2016 (Gráfico 18). Cabe destacar, porém, que Alagoas conta com potencial de avanço em seu parque industrial, por exemplo, na cadeia da química e do plástico, na qual é referência para o setor no Brasil (Alagoas é o maior produtor de PVC da América Latina); cerâmica; confecção e têxtil; eucalipto; produção de etanol, energia solar e painéis para geração de energia solar. Além disso, sua localização, entre Bahia e Pernambuco, favorece a implantação de Centrais de Distribuição, capazes de conferir maior dinamismo à economia local (BRASIL, 2016-2017) e (BRASIL, 2018).

A produção extrativa que apresentou crescimento até 2007 perdeu ritmo desde então e fechou 2016 em seu menor patamar, desde 2002 (Gráfico 17). Este percurso levou a uma redução no peso do segmento na composição da indústria em geral do Estado, passando de 7,4%, em 2002, para 1,9%, em 2016 (Gráfico 18).

Os Serviços Industriais de Utilidade Pública (SIUP), compostos por eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação, tiveram, em geral, desempenho positivo (Gráfico 17). Seu crescimento, contudo, não foi suficiente para expandir sua participação na composição total da indústria: passou de 14,1%, em 2002, para 12,4%, em 2016 (Gráfico 18).

Em síntese, observa-se que apesar do avanço na indústria da Construção e concomitante perda relativa de participação da indústria de Transformação, esta se manteve na liderança da composição geral da indústria alagoana. De acordo com dados da Confederação Nacional da Indústria (CNI), cinco de suas atividades se destacaram em importância na produção industrial do Estado, em 2016 (Tabela 12): Alimentos (24,0%), Químico (11,3%), Bebidas (3,9%), Borracha e material plástico (2,2%) e Minerais não metálicos (1,2%).

Tabela 12 - Participação (%) dos principais setores da indústria de transformação no VTI total da indústria - Alagoas - 2016

Principais Setores	Participação (%)
Alimentos	24,0
Químicos	11,3
Bebidas	3,9
Borracha e material plástico	2,2
Minerais não metálicos	1,2

Fonte: Elaboração ETENE/BNB, com dados do CNI.

8. Perfil Industrial do Piauí

A partir dos dados das Contas Regionais, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2016, a indústria do Piauí produziu R\$ 4,7 bilhões. No período de 2002 a 2016, o Valor Adicionado Bruto - VAB Industrial avançou 5,7% ao ano (a.a.) no Estado, 2,1% a.a. no Nordeste, e 1,5% a.a. no Brasil. No acumulado, entre 2002 e 2016, a produção industrial cresceu 116,9% no Piauí, 33,2% no Nordeste, e 22,4% no Brasil, assinalando que, comparativamente, houve um elevado dinamismo industrial piauiense (Tabela 13).

Tabela 13 - Valor Adicionado Bruto da Indústria (VAB) em 2016 e Variação no período 2002-2016 ⁽¹⁾

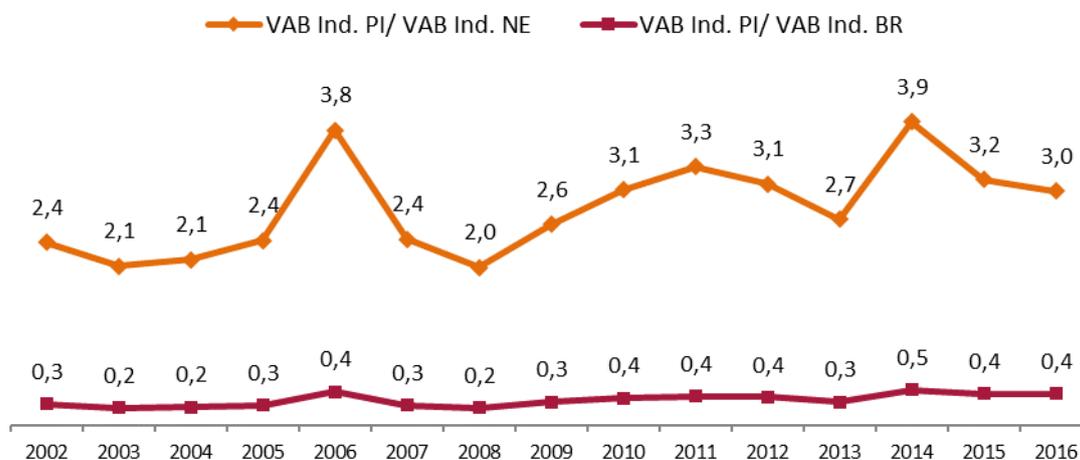
Nível Geográfico	VAB Industrial de 2016 (Milhões Reais)	Variação Real (%) 2002 - 2016	
		Acumulado	Média Anual
Brasil	1.150.207	22,4	1,5
Nordeste	154.503	33,2	2,1
Piauí	4.692	116,9	5,7

Fonte: Elaboração ETENE/BNB, com dados do IBGE.

Nota: (1) Valores a preços de 2016, corrigidos pelo seu deflator implícito.

O crescimento do VAB Industrial do Piauí acima das médias regional e nacional, verificado entre 2002 a 2016, favoreceu a um ganho de participação da indústria piauiense em relação às indústrias regional e nacional. O Gráfico 19 informa que, em relação ao País, tal participação apresentou suave oscilação, de 0,3%, em 2002, para 0,4%, em 2016. Porém, registrou variações mais expressivas enquanto percentual da indústria nordestina, passando de 2,4%, em 2002, para os citados 3,0%, em 2016.

Gráfico 19 - Participação da Indústria piauiense nas indústrias nordestina e brasileira (%) - VAB da Indústria de 2002 a 2016

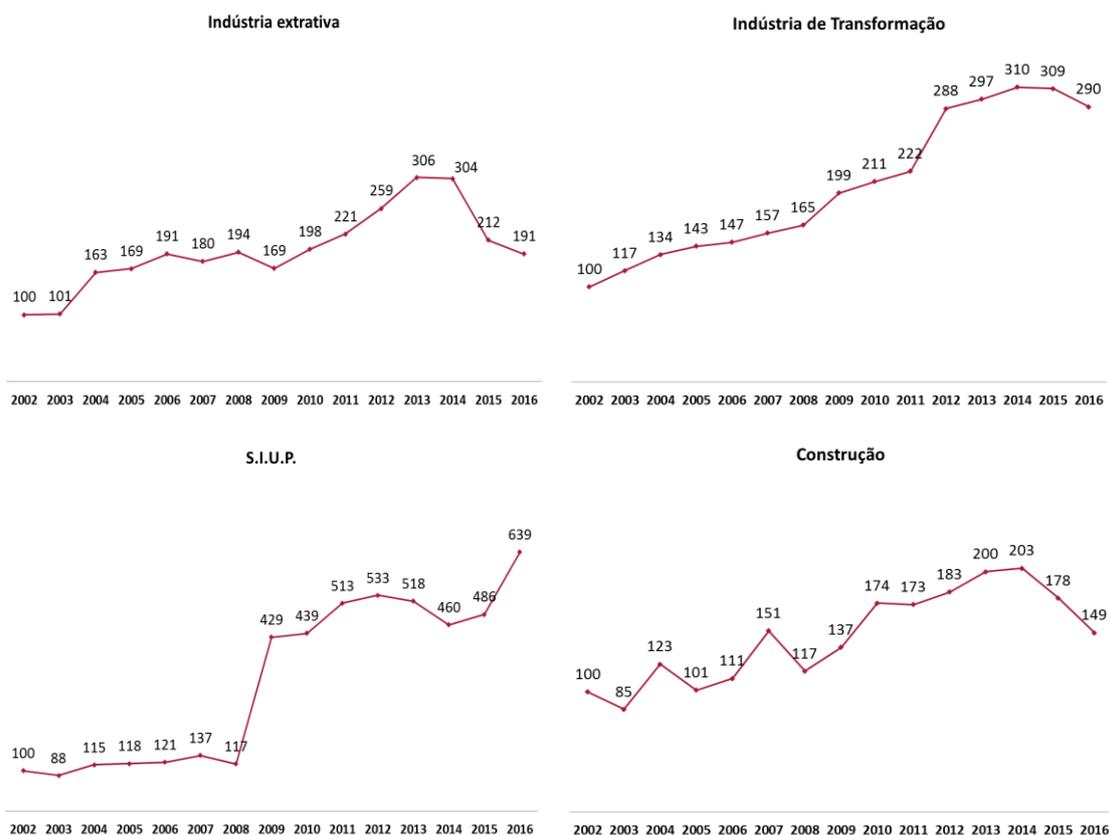


Fonte: Elaboração ETENE/BNB, com dados do IBGE.

Quanto à importância da indústria para a economia do próprio Estado, observa-se que, em 2016, esta foi responsável por 12,7% de toda a riqueza gerada. Se comparada à participação no início da série (14,8%, em 2002), a indústria perdeu peso, - 2,1 pontos percentuais (p.p.), na composição da produção total. Embora este não tenha sido um movimento restrito ao Estado, a redução da contribuição da indústria à economia local foi menor no Piauí (-2,1 p.p.) do que a verificada regional (-3,5 p.p.) e nacionalmente (-5,1 p.p.). No Nordeste, o setor representava 23,0% do total produzido pela Região, em 2002, e passou para 19,5%, em 2016. Já no País, passou de 26,4% para 21,2%, respectivamente.

Porém, tendo em vista não se tratar de uma trajetória linear, cabe observar o processo de evolução do nível de atividade industrial, ao longo desses anos. O Gráfico 20 mostra a evolução das diferentes categorias da indústria do Piauí, entre os anos de 2002 e 2016.

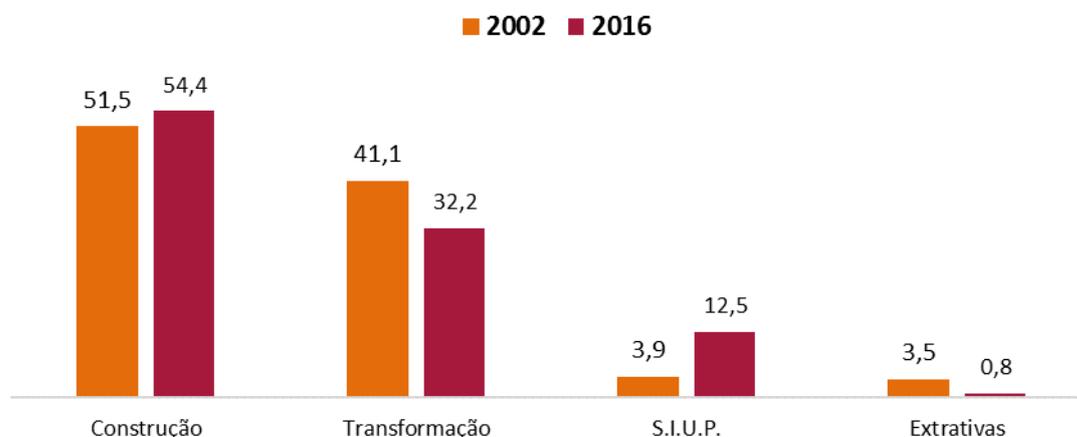
Gráfico 20 - Evolução do Valor Adicionado Bruto (VAB) da Indústria - Piauí - 2002 a 2016 (Número-índice: 2002 = 100)



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

A produção extrativa mostrava tendência de crescimento, ao longo do período, mas decresceu de forma significativa em 2015 e 2016, quando a economia brasileira entrou em compasso de recessão. Este percurso levou a uma redução no peso do segmento extrativo na composição da indústria em geral do Estado, passando de 3,5%, em 2002, para 0,8%, em 2016 (Gráfico 21).

Gráfico 21 - Variação na composição setorial da indústria do Piauí (%) - 2002 e 2016 (com base no VAB)



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados das Contas Regionais do IBGE.

A indústria de transformação cresceu de forma ininterrupta, entre 2002 e 2014, mas assinalou reduções em 2015 e 2016, afetada, dentre outros motivos, pela citada crise econômica nacional (Gráfico 20). Apesar da evolução observada, o peso da indústria de transformação na produção industrial total caiu de 41,1%, em 2002, para 32,2%, em 2016 (Gráfico 21). Cabe destacar, porém, que o Piauí conta com importante parque industrial, com potencial de avanços, por exemplo, na mineração (2º Estado do Nordeste e entre os 10 maiores do País em incidência de minérios: ferro, níquel, diamante, mármore e possui a única reserva de opala nobre do Brasil); petróleo e gás natural na Bacia do Parnaíba; energias eólica e solar; eucalipto, e a ZPE Parnaíba, com vocação para farmoquímicos, cera de carnaúba, babaçu, couros e peles, alimentos, pedras preciosas e minérios, biocombustíveis, biotecnologia e nanotecnologia, e tecnologia da informação (BRASIL, 2016-2017) e (BRASIL, 2018).

Os Serviços Industriais de Utilidade Pública (SIUP), compostos por eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação, registraram saltos em 2009 e 2016, elevando o nível produtivo do setor (Gráfico 20). Este movimento se traduziu em significativa expansão deste segmento, na composição total da indústria: passou de 3,9%, em 2002, para 12,5%, em 2016 (Gráfico 21).

A indústria da Construção, apesar da forte oscilação, mostrou tendência de alta até 2014, mas acompanhou o período recessivo do País, em 2015 e 2016 (Gráfico 20). Contudo, sua participação na indústria total passou de 51,5%, em 2002, para 54,4%, em 2016 (Gráfico 21).

Em síntese, observa-se que o setor da Construção lidera a produção na indústria piauiense, tendo ampliado sua contribuição no período (54,4% em 2016). É seguido pela indústria de Transformação (32,2%), que reduziu sua participação. Nesta, de acordo com dados da Confederação Nacional da Indústria (CNI), quatro de suas atividades se destacaram em importância na composição industrial do Estado, em 2016 (Tabela 14): Alimentos (10,1%), Bebidas (7,1%), Minerais não metálicos (3,1%), e Metalurgia (2,3%).

Tabela 14 - Participação (%) dos principais setores da indústria de transformação no VTI total da indústria - Piauí - 2016

Principais Setores	Participação (%)
Alimentos	10,1
Bebidas	7,1
Minerais não metálicos	3,1
Metalurgia	2,3
Produtos de metal	1,8
Químicos	1,5
Vestuário	1,3
Extração de minerais não-metálicos	1,1

Fonte: Elaboração ETENE/BNB, com dados do CNI.

9. Perfil da Indústria da Paraíba

Conforme os dados das Contas Regionais, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2016, a indústria da Paraíba produziu R\$ 8,2 bilhões. No período de 2002 a 2016, o Valor Adicionado Bruto - VAB Industrial avançou 5,9% ao ano (a.a.) no Estado, 2,1% a.a. no Nordeste, e 1,5% a.a. no Brasil (Tabela 15). No acumulado, entre 2002 e 2016, a produção industrial cresceu 123,8% na Paraíba, 33,2% no Nordeste, e 22,4% no Brasil, assinalando que, comparativamente, houve um elevado dinamismo industrial paraibano.

Tabela 15 - Valor Adicionado Bruto da Indústria (VAB) em 2016 e Variação no período 2002-2016 ⁽¹⁾

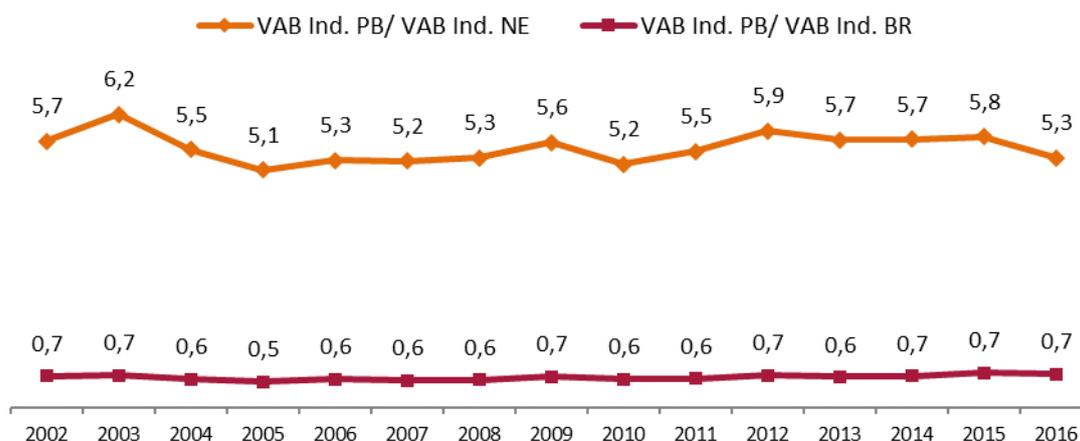
Nível Geográfico	VAB Industrial de 2016 (Milhões Reais)	Variação Real (%) 2002 - 2016	
		Acumulado	Média Anual
Brasil	1.150.207	22,4	1,5
Nordeste	154.503	33,2	2,1
Paraíba	8.218	123,8	5,9

Fonte: Elaboração ETENE/BNB, com dados do IBGE.

Nota: (1) Valores a preços de 2016, corrigidos pelo seu deflator implícito.

O comportamento do VAB Industrial da Paraíba, embora acima das médias observadas na Região e no País, verificado entre 2002 e 2016, não foi suficiente para elevar a participação da indústria da Paraíba em relação à regional e nacional. O Gráfico 22 informa que, em relação ao País, tal participação ficou praticamente estável, representando 0,7%, tanto em 2002, quanto em 2016. Registrou variações mais expressivas enquanto percentual da indústria do Nordeste, mas passou de 5,7%, para 5,3%, respectivamente.

Gráfico 22 - Participação da Indústria da Paraíba nas indústrias nordestina e brasileira (%) - VAB da Indústria de 2002 a 2016

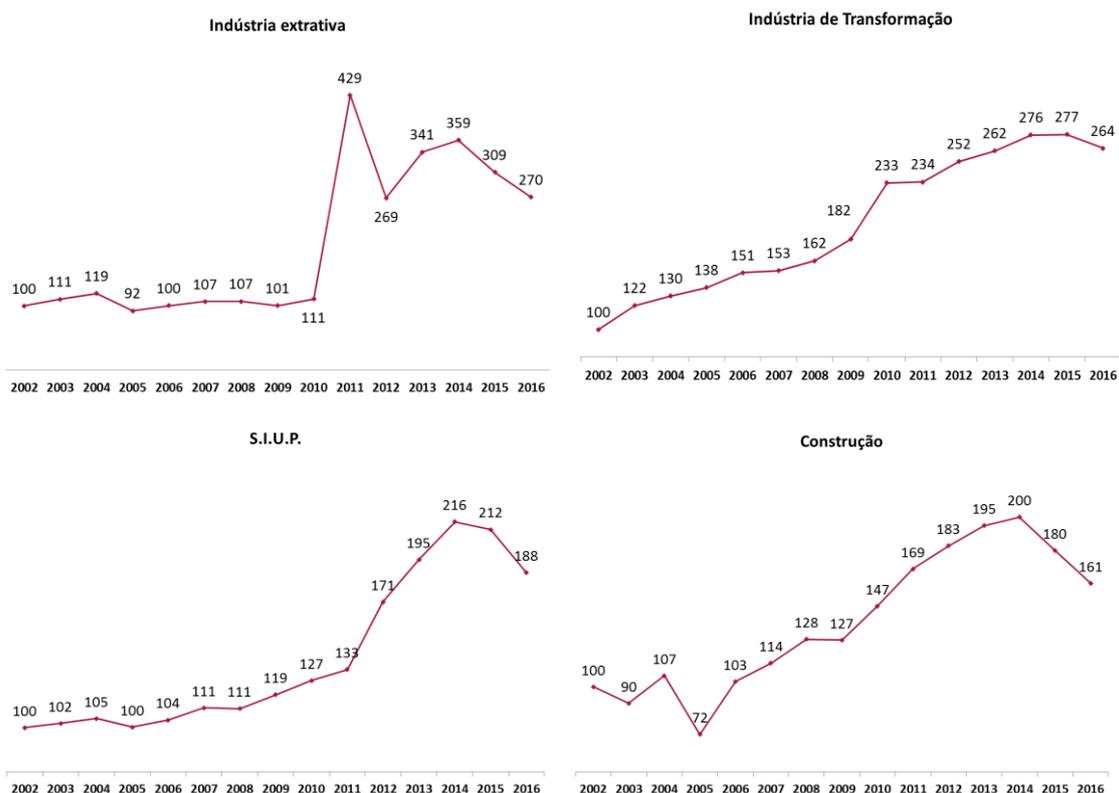


Fonte: Elaboração ETENE/BNB, com dados do IBGE.

Quanto à importância da indústria para a economia do próprio Estado, observa-se que, em 2016, esta foi responsável por 15,6% de toda a riqueza gerada. Se comparada à participação no início da série (19,5%, em 2002), a indústria perdeu peso, -4,0 pontos percentuais (p.p.), na composição da produção total. Embora este não tenha sido um movimento restrito ao Estado, a redução da contribuição da indústria à economia local foi maior na Paraíba (-4,0 p.p.) do que a verificada regionalmente (-3,5 p.p.), mas inferior ao nível nacional (-5,1 p.p.). No Nordeste, o setor representava 23,0% do total produzido pela Região, em 2002, e passou para 19,5%, em 2016. Já no País, passou de 26,4% para 21,2%, respectivamente. De qualquer modo, cabe perceber que o peso da indústria, na economia da Paraíba, é menor do que o observado no Nordeste e no País.

Porém, tendo em vista não se tratar de uma trajetória linear, pode-se observar o processo de evolução do nível de atividade industrial, ao longo desses anos. O Gráfico 23 mostra a evolução das diferentes categorias da indústria da Paraíba, entre os anos de 2002 e 2016.

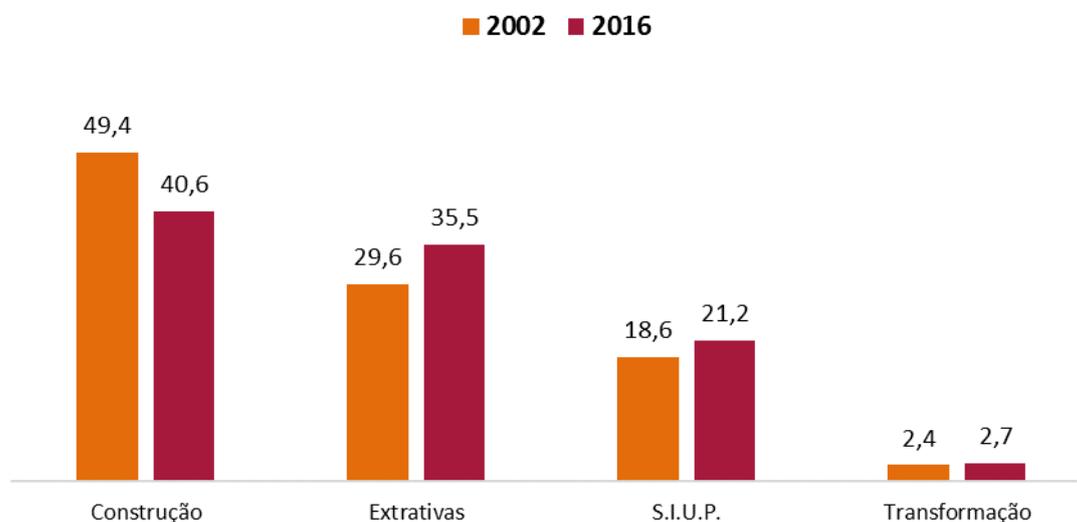
Gráfico 23 - Evolução do Valor Adicionado Bruto (VAB) da Indústria - Paraíba - 2002 a 2016 (Número-índice: 2002 = 100)



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

A produção extrativa, que guardava razoável estabilidade, apresentou elevação significativa a partir de 2011, passando a um patamar maior, desde então. Esta trajetória levou a um aumento no peso do segmento na composição da indústria em geral do Estado, passando de 2,4%, em 2002, para 2,7%, em 2016 (Gráfico 24).

Gráfico 24 - Variação na composição setorial da indústria da Paraíba (%) - 2002 e 2016



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados das Contas Regionais do IBGE.

A indústria de transformação, frente ao nível de produção de 2002, apresentou crescimento contínuo até 2015 (Gráfico 23). Apenas em 2016, assinalou redução, afetada, dentre outros motivos, pela crise econômica nacional, caracterizada pela recessão de 2015 e 2016. Apesar da evolução observada, o peso da indústria de transformação na produção industrial total caiu de 49,4%, em 2002, para 40,6%, em 2016 (Gráfico 24).

Vale destacar, porém, que a Paraíba conta com importante parque industrial, com potencial de avanços, por exemplo, a partir do Polo de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), com empresas operando em João Pessoa, Campina Grande e Patos (Campina Grande é um dos 74 polos tecnológicos do Brasil e abriga o Centro de Inovação Tecnológica Telmo Araújo). A partir do polo de couro e calçados, o Estado é o terceiro maior produtor de calçados do País. O polo industrial de Caaporã que engloba os setores cimenteiro, cerâmico, metal-mecânico e vidreiro, está localizado próximo às grandes indústrias instaladas na fronteira entre a Paraíba e Pernambuco. O polo mineral compreende metade das reservas nacionais de betonita; 20% do total nacional de titânio e pesquisas recentes descobriram novas reservas de granito, filito cerâmico, feldspato e argila, elevando a posição do Estado no ranking das reservas nacionais de minérios. O polo energético dispõe de mais de 70 geradores de energia eólica; uma das maiores incidências de radiação solar do Brasil, favorecendo ao desenvolvimento da energia fotovoltaica, e duas termoelétricas: em João Pessoa e Campina Grande (BRASIL, 2016-2017), (BRASIL, 2018) e (PARAIBA BUSINESS, c2019).

Os Serviços Industriais de Utilidade Pública (SIUP), compostos por eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação, registraram tendência de alta no período, assinalando reduções apenas em 2015 e 2016 (Gráfico 23). Este movimento se traduziu em expansão deste segmento, na composição total da indústria: passou de 18,6%, em 2002, para 21,2%, em 2016 (Gráfico 24).

A indústria da Construção cresceu, praticamente, por nove anos seguidos, entre 2006 e 2014, mas acompanhou o período recessivo do País, em 2015 e 2016 (Gráfico 23). Contudo, sua participação na indústria total também subiu, passou de 29,6%, em 2002, para 35,5%, em 2016 (Gráfico 24).

Em síntese, observa-se que, à frente do setor da Construção (35,5%), a indústria de Transformação (40,6%) lidera a produção da indústria da Paraíba, embora tenha reduzido sua contribuição no período em 8,8 p.p. Nesta, de acordo com dados da Confederação Nacional da Indústria (CNI), cinco atividades se destacaram em importância na composição industrial do Estado, em 2016 (Tabela 16): Couro e calçados (12,0%); Alimentos (7,8%); minerais não metálicos (5,9%); Têxteis (3,2%); Bebidas (3,1%), e Derivados do petróleo e biocombustíveis (2,2%).

Tabela 16 - Participação (%) dos principais setores da indústria de transformação no VTI total da indústria - Paraíba - 2016

Principais Setores	Participação (%)
Couros e calçados	12,0
Alimentos	7,8
Minerais não metálicos	5,9
Têxteis	3,2
Bebidas	3,1
Derivados de petróleo e biocombustíveis	2,2

Fonte: Elaboração ETENE/BNB, com dados do CNI.

10. Perfil da Indústria do Rio Grande do Norte

Conforme os dados das Contas Regionais, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2016, a indústria do Rio Grande do Norte produziu R\$ 10,1 bilhões. No período de 2002 a 2016, o Valor Adicionado Bruto - VAB Industrial recuou 0,3% ao ano (a.a.) no Estado, enquanto avançou 2,1% a.a. no Nordeste, e 1,5% a.a. no Brasil (Tabela 17). No acumulado, entre 2002 e 2016, a produção industrial caiu 3,6% no Rio Grande do Norte, mas cresceu 33,2% no Nordeste, e 22,4% no Brasil, assinalando o baixo dinamismo industrial do Estado, no período.

Tabela 17 - Valor Adicionado Bruto da Indústria (VAB) em 2016 e Variação no período 2002-2016 ⁽¹⁾

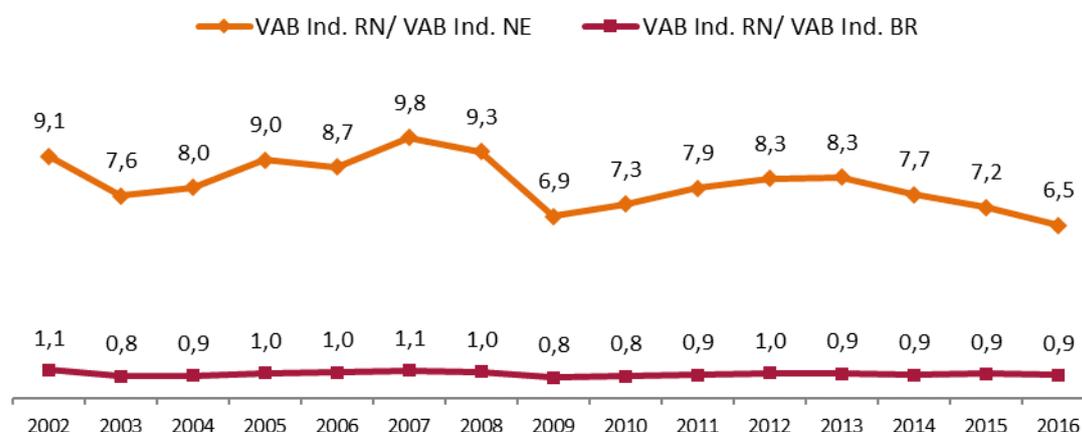
Nível Geográfico	VAB Industrial de 2016 (Milhões Reais)	Variação Real (%) 2002 - 2016	
		Acumulado	Média Anual
Brasil	1.150.207	22,4	1,5
Nordeste	154.503	33,2	2,1
Rio Grande do Norte	10.093	-3,6	-0,3

Fonte: Elaboração ETENE/BNB, com dados do IBGE.

Nota: (1) Valores a preços de 2016, corrigidos pelo seu deflator implícito.

O comportamento do VAB Industrial do Rio Grande do Norte, abaixo das médias regional e nacional, verificado entre 2002 a 2016, levou a perda de participação da indústria potiguar em relação à regional e nacional. O Gráfico 25 informa que, em relação ao País, tal participação apresentou oscilação relativamente suave, passando de 1,1%, em 2002, para 0,9%, em 2016. Porém, registrou variações mais expressivas enquanto percentual da indústria nordestina, passando de 9,1%, para 6,5%, respectivamente.

Gráfico 25 - Participação da Indústria do Rio Grande do Norte nas indústrias nordestina e brasileira (%) - VAB da Indústria de 2002 a 2016

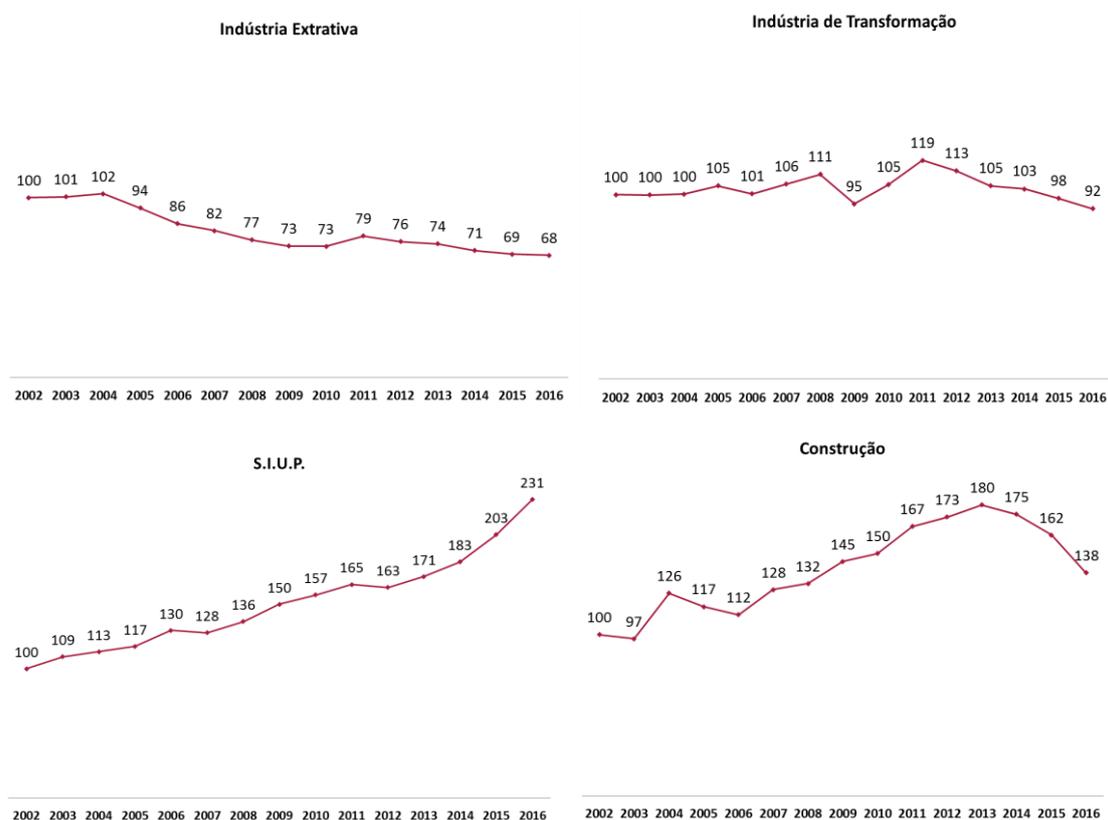


Fonte: Elaboração ETENE/BNB, com dados do IBGE.

Quanto à importância da indústria para a economia do próprio Estado, observa-se que, em 2016, esta foi responsável por 19,0% de toda a riqueza gerada. Se comparada à participação no início da série (29,7%, em 2002), a indústria perdeu peso, -10,7 p.p., na composição da produção total. Embora este não tenha sido um movimento restrito ao Estado, a redução da contribuição da indústria à economia local foi maior no Rio Grande do Norte (-10,7 p.p.) do que a verificada regional (-3,5 p.p.) e nacionalmente (-5,1 p.p.). No Nordeste, o setor representava 23,0% do total produzido pela Região, em 2002, e passou para 19,5%, em 2016. Já no País, passou de 26,4% para 21,2%, respectivamente.

Porém, tendo em vista não se tratar de uma trajetória linear, cabe observar o processo de evolução do nível de atividade industrial, ao longo desses anos. O Gráfico 26 mostra a evolução das diferentes categorias da indústria do Rio Grande do Norte, entre os anos de 2002 e 2016.

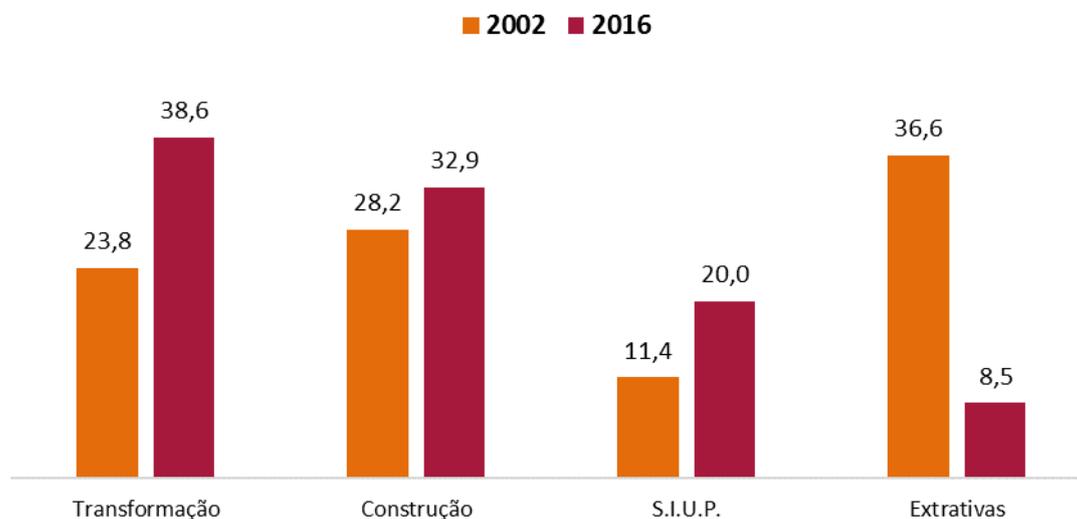
Gráfico 26 - Evolução do Valor Adicionado Bruto (VAB) da Indústria – Rio Grande do Norte - 2002 a 2016 (Número-índice: 2002 = 100)



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

A produção extrativa foi, em geral, descendente, ao longo do período, o que levou a uma significativa redução do peso do segmento na composição da indústria em geral do Estado, passando de 36,6%, em 2002, para 8,5%, em 2016 (Gráfico 27).

Gráfico 27 - Variação na composição setorial da indústria do Rio Grande do Norte (%) - 2002 e 2016 (com base no VAB)



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados das Contas Regionais do IBGE.

A indústria de transformação observou um pico em 2011, mas assinalou reduções desde então, tendo sido afetada, dentre outros motivos, pela crise econômica nacional, caracterizada pela recessão de 2015 e 2016 (Gráfico 26). Apesar da evolução observada, o peso da indústria de transformação na produção industrial total subiu de 23,8%, em 2002, para 38,6%, em 2016 (Gráfico 27).

Cabe aqui destacar que o Rio Grande do Norte conta com importante parque industrial, com potencial de avanços, por exemplo, na exploração de petróleo e gás natural, do qual é líder na produção em terra brasileira e é o único Estado autossuficiente na produção de derivados do petróleo (Diesel, Nafta e Querosene de Aviação-QVA e Gasolina automotiva, GLP); extração e refino de sal marinho (responsável por 95% da produção total do País); energias renováveis (autossuficiente e exportador, o Estado é líder em geração de energia eólica no País, e avança na capacidade de geração de energia solar); mineração (maior reserva nacional de calcário, além da disponibilidade do petróleo, minerais pegmatitos, minério de ferro, minério de tungstênio, feldspato, calcário/mármore, dolomita, ouro, rochas ornamentais, cascalho, areia, argila, quartzo, caulim, gemas turmalinas, águas-marinhas, granada, ametistas, esmeraldas); grande produtor nacional de têxteis e vestuário; de alimentos, pescados e frutas, e de cimento e cerâmica (BRASIL, 2016-2017), (BRASIL, 2018), e (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENERGIA EÓLICA, 2018).

Os Serviços Industriais de Utilidade Pública (SIUP), compostos por eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação, registraram tendência de alta no período (Gráfico 26). Este movimento se traduziu em expansão deste segmento, na composição total da indústria: passou de 11,4%, em 2002, para 20,0%, em 2016 (Gráfico 27).

A indústria da construção, apesar da forte oscilação, mostrou tendência de alta até 2013, mas acompanhou o período recessivo do País, em 2015 e 2016 (Gráfico 26). Contudo, sua participação na indústria total também subiu, passou de 28,2%, em 2002, para 32,9%, em 2016 (Gráfico 27).

Em síntese, observa-se que, a frente do setor da Construção (32,9%), a indústria de Transformação (38,6%) lidera a produção da indústria potiguar, tendo ampliado sua contribuição no período em 15 p.p. Nesta, de acordo com dados da Confederação Nacional da Indústria (CNI), três de suas atividades se destacaram em importância na composição industrial do Estado, em 2016 (Tabela 18): Derivados do petróleo e biocombustíveis (10,5%); Alimentos (8,0%), e Vestuário (3,1%).

Tabela 18 - Participação (%) dos principais setores da indústria de transformação no VTI total da indústria - Rio Grande do Norte - 2016

Principais Setores	Participação (%)
Derivados de petróleo e biocombustíveis	10,5
Alimentos	8,0
Vestuário	3,1
Manutenção e reparação	2,2
Têxteis	2,2
Bebidas	2,1

Fonte: Elaboração ETENE/BNB, com dados do CNI.

11. Perfil Industrial de Sergipe

Conforme os dados das Contas Regionais, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, em 2016, a Indústria de Sergipe produziu aproximadamente R\$ 7,0 bilhões. No período de 2002 a 2016, o Valor Adicionado Bruto - VAB Industrial avançou 0,8% ao ano (a.a.) no Estado, enquanto no Nordeste o avanço foi 2,1% a.a., e 1,5% a.a. no Brasil (Tabela 19). No acumulado, entre 2002 e 2016, a produção industrial subiu 12,5% em Sergipe, 33,2% no Nordeste, e 22,4% no Brasil, assinalando o baixo dinamismo industrial do Estado, no período.

Tabela 19 - Valor Adicionado Bruto da Indústria (VAB) em 2016 e Variação no período 2002-2016 ⁽¹⁾

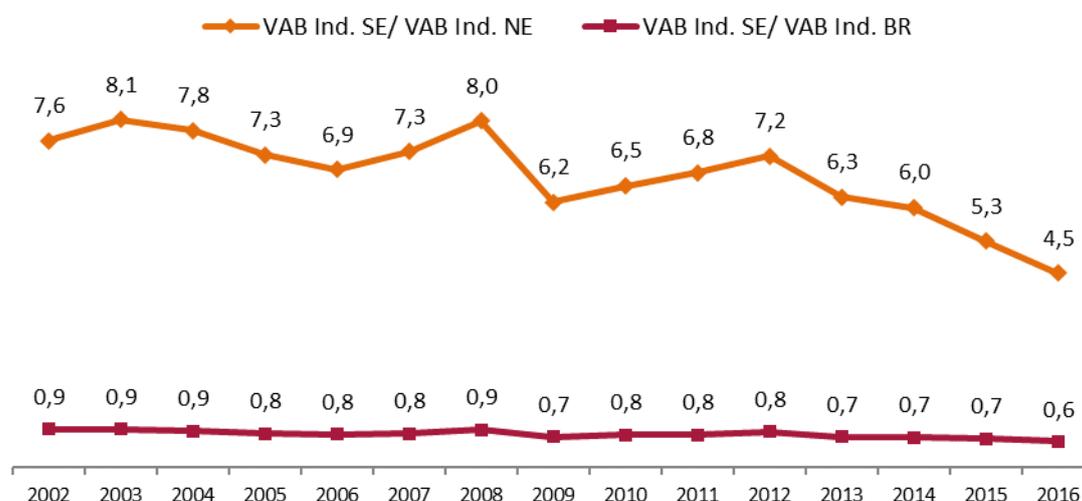
Nível Geográfico	VAB Industrial de 2016 (Milhões Reais)	Variação Real (%) 2002 - 2016	
		Acumulado	Média Anual
Brasil	1.150.207	22,4	1,5
Nordeste	154.503	33,2	2,1
Sergipe	6.972	12,5	0,8

Fonte: Elaboração ETENE/BNB, com dados do IBGE.

Nota: (1) Valores a preços de 2016, corrigidos pelo seu deflator implícito.

O comportamento do VAB Industrial de Sergipe, abaixo das médias regional e nacional, verificado entre 2002 a 2016, levou à perda de participação da indústria sergipana em relação às indústrias regional e nacional. O Gráfico 28 informa que, em relação ao País, tal participação apresentou oscilação relativamente suave, passando de 0,9%, em 2002, para 0,6%, em 2016. Porém, registrou variações mais expressivas enquanto percentual da Indústria do Nordeste, passando de 7,6%, para 4,5%, respectivamente.

Gráfico 28 - Participação da Indústria de Sergipe nas indústrias nordestina e brasileira (%) - VAB da Indústria de 2002 a 2016

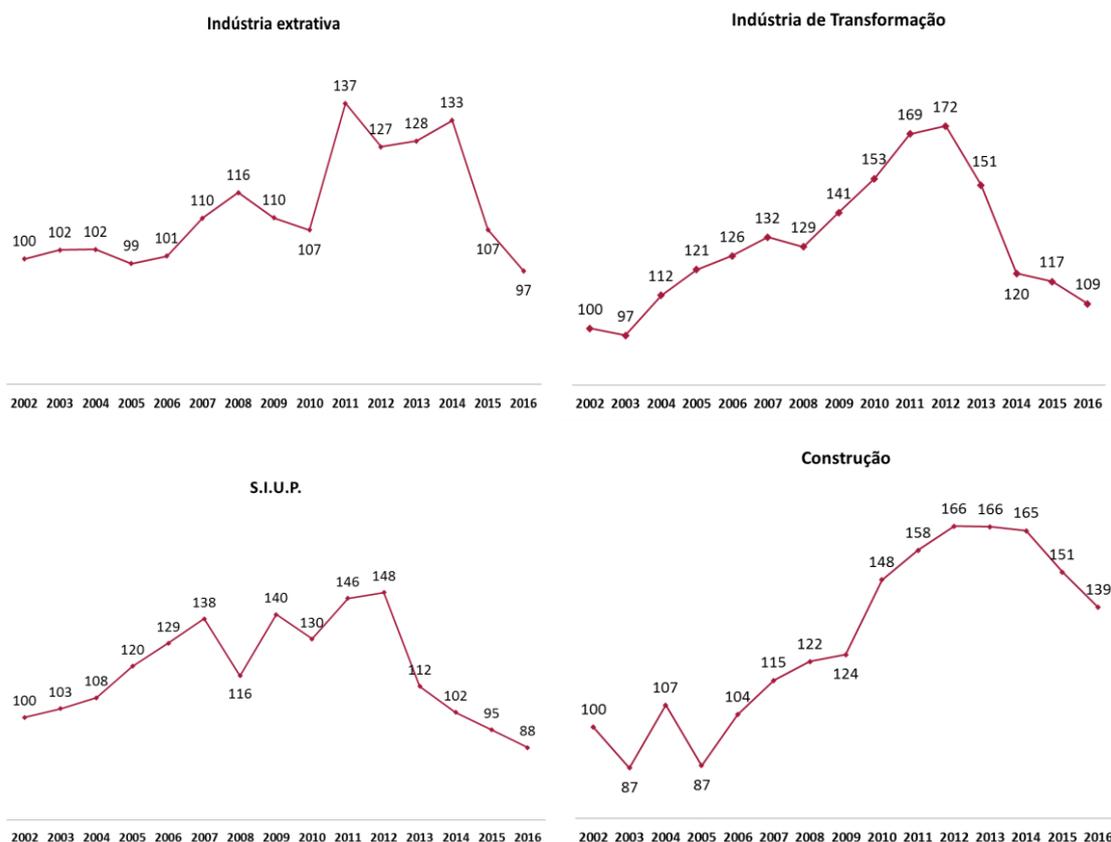


Fonte: Elaboração ETENE/BNB, com dados do IBGE.

Quanto à importância da indústria para a economia do próprio Estado, observa-se que, em 2016, esta foi responsável por 20,1% de toda a riqueza gerada. Se comparada à participação no início da série (32,1%, em 2002), a indústria perdeu peso, -12,1 pontos percentuais (p.p.), na composição da produção total. Embora este não tenha sido um movimento restrito ao Estado, a redução da contribuição da indústria à economia local foi maior em Sergipe (-12,1 p.p.) do que a verificada regional (-3,5 p.p.) e nacionalmente (-5,1 p.p.). No Nordeste, o setor representava 23,0% do total produzido pela Região, em 2002, e passou para 19,5%, em 2016. Já no País, passou de 26,4% para 21,2%, respectivamente. De qualquer modo, cabe perceber que o peso da indústria na atividade econômica de Sergipe (20,1%), foi maior do que o observado no Nordeste (19,5%) e próximo ao nacional (21,2%), mesmo em 2016.

Porém, tendo em vista não se tratar de uma trajetória linear, pode-se observar o processo de evolução do nível de atividade industrial, ao longo desses anos. O Gráfico 29 mostra a evolução das diferentes categorias da indústria de Sergipe, entre os anos de 2002 e 2016.

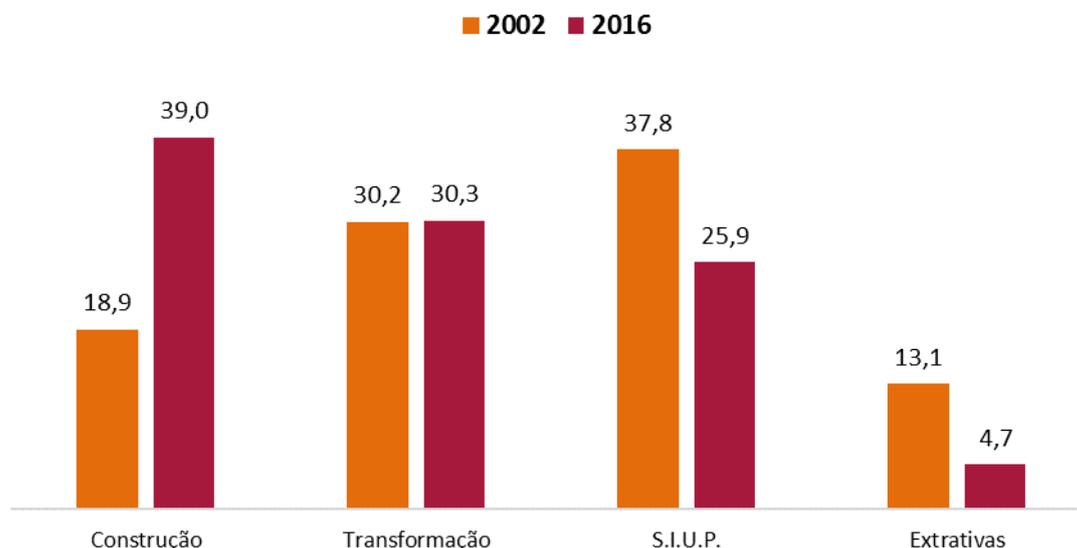
Gráfico 29 - Evolução do Valor Adicionado Bruto (VAB) da Indústria - Sergipe - 2002 a 2016 (Número-índice: 2002 = 100)



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

A produção extrativa mostrou relativa estabilidade entre 2002 e 2010, subiu de patamar entre 2011 e 2014, mas voltou a cair em 2015 e 2016, no período de recessão interna (Gráfico 29), o que levou a uma significativa redução do peso do segmento na composição da indústria em geral do Estado, passando de 13,1%, em 2002, para 4,7%, em 2016 (Gráfico 30).

Gráfico 30 - Variação na composição setorial da indústria de Sergipe (%) - 2002 e 2016 (com base no VAB)



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados das Contas Regionais do IBGE.

A indústria de transformação, praticamente crescente entre 2004 e 2012, assinalou reduções desde então, tendo sido afetada, dentre outros motivos, pela crise econômica nacional, que atingiu antecipadamente o setor industrial (Gráfico 29). Diante da evolução observada, o peso da indústria de transformação na produção industrial total se mostrou estável, registrando 30,2%, em 2002 e 30,3%, em 2016 (Gráfico 30).

Cabe destacar aqui, que Sergipe possui importante parque industrial, com potencial de avanços, por exemplo, na exploração de petróleo e gás natural, uma das principais atividades econômicas do Estado, que conta com recentes descobertas de grandes reservas de petróleo leve de alta qualidade e de gás natural em sua costa. Abriga uma gama de indústrias de qualidade internacional do setor de alimentos e bebidas e tem vocação, dentre outros, para laticínio, sucos, produtos de carne, açúcar, pescado, massas e biscoitos. O ramo de calçados é importante setor exportador do Estado. A cadeia têxtil confecção passou por modernização, buscando compatibilidade com a competição internacional. Destaque para o setor cerâmico, onde instituições locais como a Federação das Indústrias do Estado (FIES-SE) têm apoiado na adequação tecnológica e qualificação da mão de obra. A descoberta de jazidas com alto potencial de produção de minério de ferro oportuniza impulsionar a cadeia produtiva do setor metal-mecânico. Outros setores em expansão são: cosméticos; tecnologia da informação; energia solar, eólica; biocombustíveis; fertilizantes e automotivo (BRASIL, 2016-2017), (BRASIL, 2018), e (COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DE SERGIPE, 2019a e 2019b).

Os Serviços Industriais de Utilidade Pública (SIUP), compostos por eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação, registraram períodos de elevação, mas estão em trajetória descendente desde 2013 (Gráfico 29). Este movimento se traduziu em redução deste segmento, na composição total da indústria: passou de 37,8%, em 2002, para 25,9%, em 2016 (Gráfico 30).

A indústria da Construção mostrou crescimento contínuo, entre 2006 e 2013, mas acompanhou o período recessivo do País, em 2015 e 2016 (Gráfico 29). Porém, sua participação na indústria total subiu significativamente, passando de 18,9%, em 2002, para 39,0%, em 2016 (Gráfico 30).

Em síntese, observa-se que o setor da Construção (39,0%) lidera a produção da Indústria de Sergipe, tendo ampliado sua contribuição no período em 20,2 p.p.. A indústria de transformação (30,3%), por sua vez, manteve sua participação. De acordo com dados da Confederação Nacional da Indústria (CNI), dentre indústria extrativa e de transformação, quatro atividades se destacaram em importância na composição industrial do Estado (Tabela 20): extração de petróleo e gás natural (11,8%), alimentos (7,6%), minerais não metálicos (3,0%) e Químicos (2,4%).

Tabela 20 - Participação (%) dos principais setores das indústrias de transformação e extrativa no VTI total da indústria - Sergipe - 2016

Principais Setores	Participação (%)
Extração de petróleo e gás natural	11,8
Alimentos	7,6
Minerais não metálicos	3,0
Químicos	2,4
Têxteis	1,6
Couro e calçados	1,4
Veículos automotores	1,1
Atividades de apoio à extração de minerais	0,9

Fonte: Elaboração ETENE/BNB, com dados do CNI.

12. Considerações Finais

No período entre 2002 a 2016, o VAB industrial do Nordeste cresceu, em média, 2,1% a.a. (ao ano), superando a taxa de crescimento média anual da indústria nacional (1,5% a.a.). Consequentemente, acumulou um crescimento maior ao longo da série (33,2% para a Região e 22,4% para o País).

Diante do resultado de maior dinamismo, verificou-se um ganho de participação da indústria do Nordeste frente ao do País. O VAB Industrial da Região representava 11,7% do Nacional, em 2002, e passou para 13,4%, em 2016. Porém, o maior impulso observado se deu em 2015 e 2016, anos de característica recessiva, mas cujo desempenho industrial da Região foi de recuo menor do que o apresentado nacionalmente.

A indústria de transformação apresentou a maior contribuição na formação da indústria nordestina (49,4%), em 2016, seguida pela construção (32,1%), SIUP (16,3%) e extrativa (2,1%).

Em termos de crescimento do VAB, superaram a média Regional (2,1% a.a.), os Estados da Paraíba (5,9% a.a.), Piauí (5,7% a.a.) e Maranhão (4,2% a.a.).

Abaixo da média regional, mas logo em seguida, vieram os maiores Estados Nordestinos: Pernambuco (1,8%), Ceará (1,8%) e Bahia (1,7%).

Tiveram menor dinamismo Alagoas (1,5%) e Sergipe (0,8%) e apenas o Rio Grande do Norte apresentou resultado negativo (-0,3%).

No Maranhão (38,0%), Piauí (54,4%) e em Sergipe (39%) o setor de Construção participa com o maior peso na composição da indústria total do Estado. Nas demais unidades federativas nordestinas, a indústria de transformação lidera a produção da indústria local.

Embora tenha se verificado que a recessão interna, dos anos 2015 e 2016, afetou todas as categorias industriais, de todos os Estados do Nordeste, foi possível observar que há importante potencial de desenvolvimento, seja na indústria de transformação, seja na extrativa, em todas as unidades federativas da Região, guardadas suas devidas particularidades. Em geral, dentre os setores mais tradicionais identificados como melhor estruturados e com capacidade de expansão estão: Alimentos, Derivados do petróleo e biocombustíveis, Químico, Celulose e papel, Couro e calçados, Bebidas, Extração de petróleo e gás e Minerais não metálicos.

Novas oportunidades de investimento também têm se apresentado na Região, como o de energias eólica e solar, de tecnologia da comunicação e informação (TIC), mineração, metal-mecânico, e saúde.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENERGIA EÓLICA (ABEEólica). Energia Eólica: Os bons ventos do Brasil. **InfoVento** nº 7, 05 | 11 | 18. Disponível em: http://abeeolica.org.br/wp-content/uploads/2018/11/InfoventoPT_Online_8.pdf. Acesso em: 12 fevereiro 2019

BRASIL. Ministério da Economia. **Rede Nacional de Informações sobre o Investimento: RENAI**. Brasília: SDCI/MDIC, 2016-2017. Guia dos estados. Publicação em pdf.

BRASIL. Ministério da Economia. **Rede Nacional de Informações sobre o Investimento: RENAI**. Brasília: SDCI/MDIC, 2018. Conheça as Unidades Federativas Brasileiras (Nordeste) Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/index.php/competitividade-industrial/renai>. Acesso em: 6 maio. 2019.

CASTRO, Gleise. Polo de Camaçari: estratégia competitiva. **Valor Especial**, Camaçari, 29 jun.2018. G1. Disponível em: <https://www.polo40anos.com.br/doc/Clipping-Valor-Economico.pdf>. Acesso em: 2 maio. 2019.

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DE SERGIPE (CODISE). 2019a. Disponível em: <http://www.codise.se.gov.br/>. Acesso em: 16 outubro de 2019

_____. **Guia de Investimentos Sergipe**. CODISE, 2019b. Disponível em: <http://www.codise.se.gov.br/wp-content/uploads/2017/10/Guia-de-Investimentos-Sergipe.pdf>. Acesso em: 16 outubro 2019

COMPANHIA SIDERÚRGICA DO PECÉM (CSP). c2019. Disponível em: <https://www.cspecem.com/pt-br/>. Acesso em: 3 maio. 2019.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA (CNI). **Perfil da Indústria nos Estados**. Disponível em: <http://perfildaindustria.portaldaindustria.com.br/>. Acesso em: 02 setembro 2019

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Sistema de Contas Regionais: SCR**. 2018. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/contas-nacionais/9054-contasregionais-do-brasil.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 8 maio. 2019.

PARAIBA BUSINESS. Indústria, Comércio e Serviços. c2019. Disponível em: <http://paraibabusiness.pb.gov.br/pt-br/industria-comercio-e-servicos/>. Acesso em: 2 maio. 2019.

PORTO DIGITAL: Parque tecnológico. c2019. Disponível em: <http://www.portodigital.org/home>. Acesso em: 2 maio. 2019.

SUAPE, Complexo Industrial Portuário Governador Eraldo Gueiros. c2016. Disponível em: <http://www.suape.pe.gov.br/pt/>. Acesso em: 3 maio. 2019.